

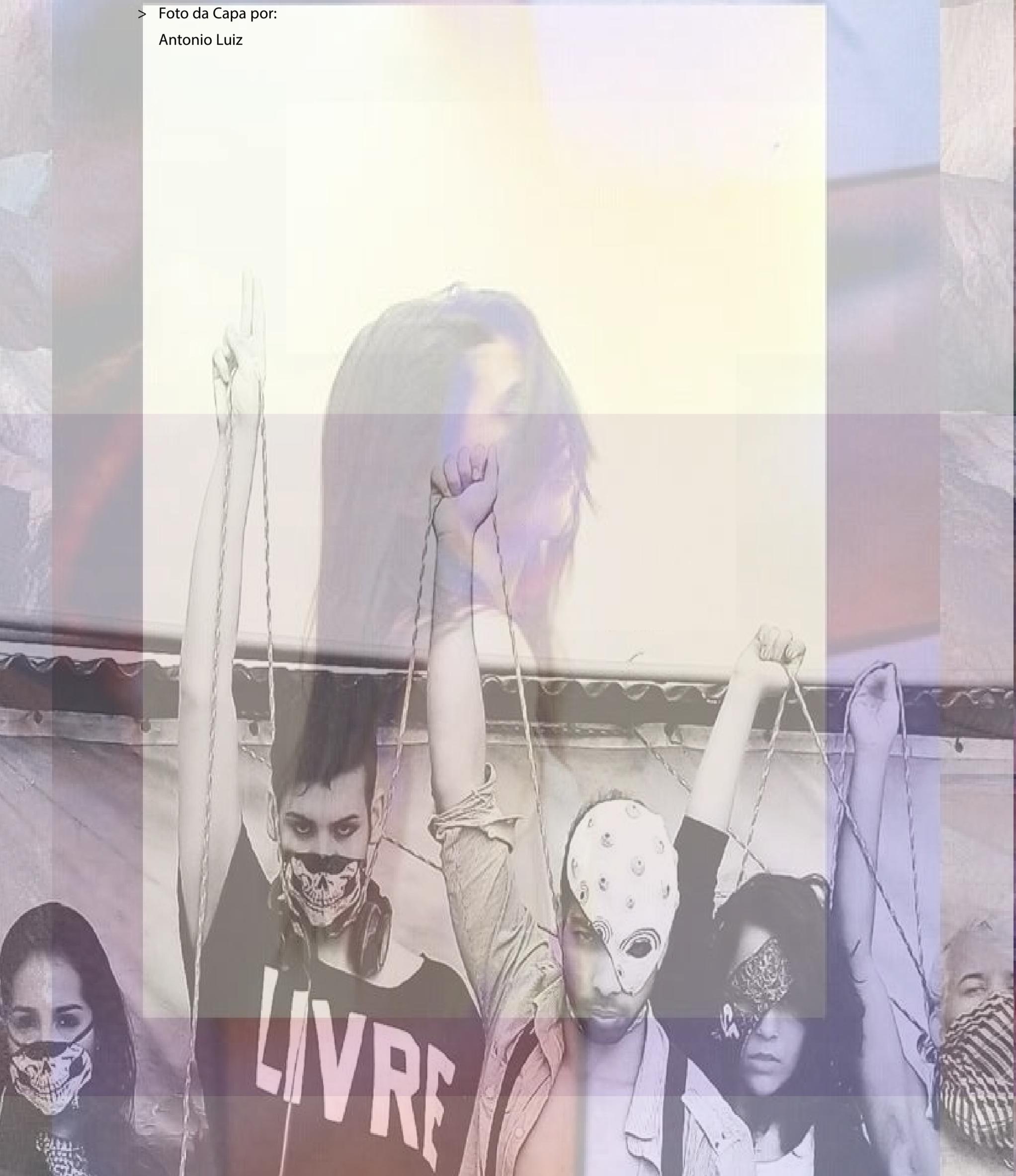


# Revista GERAÇÃO Z

## Juventude e Gritos Urbanos



> Foto da Capa por:  
Antonio Luiz



# FECHA

## Editorial

“ A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer”

-Comida – Titãs

O grito da juventude é tão plural quanto ela mesma. Não se sabe (e nem poderia saber) qual o maior anseio da juventude atualmente. Será emprego, dinheiro, educação, respeito, melhores condições de vida, acesso a bens culturais e esportivos, oportunidades de lazer e turismo, relacionamentos, diversidade e vida segura, etc. que são os maiores gritos da juventude contemporânea? Ou seria todos eles e mais tantos outros? Ou não seria nenhum desses?

Com a grande onda de protestos em junho de 2013 no Brasil, a sociedade buscava de todas as formas externar suas in-

quietações e reivindicações, tornando assim aquele período um momento plural e rico em manifestações, tanto sociais quanto pessoais. O que levou o povo as ruas foram além dos “20 centavos” o desejo de mudança e a insatisfação de diversas outras coisas, a exemplo da corrupção e de tantas outras mazelas que descaracterizavam a proposta de democracia e de um estado laico no Brasil.

Forte, determinada, revolucionária, são alguns dos adjetivos que procuram conceituar o(a) jovem atualmente. Muito embora, ser jovem não é necessariamente ser um sujeito ativista. Essa imagem corrobora para que se perceba essa fase da vida como ideal aos ataques a qualquer tipo de descontentamento social, pessoal e/ou institucional.

Diante da história vemos diferentes posições que a sociedade tem assumido diante a juventude. De problema a juventude brasileira (e porque não dizer mundial) passou a ser encarada como sujeito de direito. Com o recém sancionado Estatuto da Juventude, o Brasil institui uma carta de direitos da população jovem que procura definir prioridades àquilo que era de mais urgente e fundamental nesta política jovem que vem sendo construída há décadas. Esse entendimento da juventude como sujeito de direito e não mais como uma fase de preparação

REVISTA GERAÇÃO Z

ISSN 2317-9899

Rua Manoel A. de Almeida, 60, Centro,  
Surubim/PE – CEP: 55750-000.

Home: [www.revistageracaoz.com.br](http://www.revistageracaoz.com.br)

Email: [contato@revistageracaoz.com.br](mailto:contato@revistageracaoz.com.br)

Conselho editorial

Dayse Alvares de Morais Silva, Denise Lopes da Silva, Paulene Almeida Rodrigues, Sage Nenyue, Luisa G. Pareja Villada.

Editor

José Aniervson Souza dos Santos.

Equipe de colaboradores

Alcebino José da Silva (SP), Douglas Ferreira dos Santos (RS), Felipe Rodrigues Inacio Oliveira (SP), Leandro Silva Vilaça (GO), Giórgia Neiva (GO), Heloisa Ferreira da Silva (BA) e Efsen Batista Lima (BA).

Projeto gráfico

Karina Tenório.

Diagramação

Sage Nenyue

Capa

Antonio Luiz

Imagens

Sxc ( [www.sxc.hu](http://www.sxc.hu) )

Apoio



ModernMo



para a vida adulta nos obriga a compreender qual discurso essa parcela da população tem proferido ao longo de décadas de lutas.

A juventude vem construindo, em diferentes gerações, um conceito de que a mesma além de plural e heterogênea é também compreendida através de seus grupos de iguais, de sua localização geográfica, sua faixa etária, sua etnia, sexualidade... e que estes fatores não são pontos de separação, mas de superação de uma ideia de que sendo todos(as) iguais, os problemas são os mesmos em detrimento a compreensão da diversidade e do respeito às diferenças.

Jovens das mais afastadas regiões do Brasil e de outros países têm contribuído para a construção da imagem da juventude como sujeito de direito, portanto participante ativos no processo político-democrático de suas comunidades, vilas, cidades, bairros, estados e nação. Não são apenas as grandes concentração de jovens que produzem efeitos na condução do processo histórico, são inclusive, pequenos movimentos, que são capazes de fomentar a discussão de forma mais intrínseca sobre os temas que urgem nos agrupamentos juvenis. São os grupos de dança, grupos de jovens, cias de teatro, grêmios estudantis, organizações, partidos políticos, movimento cultural de todas as vertentes, os chamados independentes, etc. que são capazes de solidificar a construção do debate democrático e construção da cidadania, do respeito e da diversidade humana, pois são, tais agrupamentos, a nascente de tais discussões, ou ao menos deveriam ser.

O desafio desta edição que se propõe a discutir os gritos da juventude é principalmente clarificar o que entendemos por juventude e quais os gritos dessa classe social. Nosso desafio é também desmistificar a ideia de que as reivindicações juvenis estão lincadas exclusivamente em protestos e manifestações de massa. Nossa proposta nesta edição é, antes de tudo, deixar que os(as) jovens e as manifestações juvenis sejam capazes de deixar suas marcas, aquelas mais simples e mais profundas, que falam de uma opção de vida, de uma trajetória, de sonhos, de perspectivas e que saem do mais íntimo de cada um(a) ou do coletivo que fazem parte.

Qual seu grito? Qual seu desejo? Qual seu medo? O que você gostaria de falar? O que você gostaria de ouvir? Onde você tem colocado sua esperança, seus sonhos, seu futuro? Qual seu(s) projeto(s)? O que você quer?... Entra nessa ciranda com a gente e vem ouvir e discutir com a Juventude e (seus) gritos urbanos.

> José Aniervson S. Santos /  
O Editor



Licença Creative Commons

O trabalho Revista Geração Z de [www.revistageracaoz.com](http://www.revistageracaoz.com) foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada.

Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em [www.revistageracaoz.com](http://www.revistageracaoz.com)

## > espaço do leitor

## > apresentação

7 Conheça a equipe da geração z

## > espaço aberto

11 Construção de uma política juvenil participativa em Surubim

13 O grito dos Skatistas

## > trazendo ao público

14 Coletivo Utopia 21: Contos de um ser híbrido

17 Organizações de Juventude realizaram Conferência Livre de Juventude em Surubim

19 Ferramentas de Cultura e Identidade: Jovens de Salvador vivenciam sem fronteiras as primeiras experiências profissionais como artistas

## > arte e cultura

22 Ensaio Fotográfico

## > em pauta

28 O Coletivo Jovem de Formação, Arte e Comunicação do Assentamento Santana: Uma experiência de resistência da juventude camponesa.

37 A Praça Universitária e suas sociabilidades: gritos urbanos de jovens em Goiânia/GO

43 O papel do jovem na construção de um mundo sustentável: Juventude e Meio Ambiente:

## > papo cabeça

54 Street Family e Gritos Urbanos

## > espaço do leitor

 "Like" us on Facebook – /RevistaGeracaoZ

 Follow us on Twitter – @RevistaGeracaoZ

“Como educadora popular que busca compreender o universo e os anseios “das juventudes”, fico feliz com a iniciativa da Revista Geração Z. Esses espaços de discussões e diálogos com a juventude são essenciais para promover e ampliar o debate do jovem que cada vez mais busca assumir o protagonismo na vida econômica, política e social! Parabéns pela iniciativa dos seus idealizadores e vamos aos diálogos!”

> Rossana Leiria/Rio Grande-RS

“Prezada Equipe da Revista Geração Z, Venho através deste parabenizar o trabalho de vocês. Gostei muito da proposta da revista. Fiquei super interessado nas publicações. Espero participar enviando artigos. Vou estimular a participação de alguns jovens da Bahia. Parabéns pelo trabalho.”

> Efsom Lima/Salvador-BA

“Olá! Sou Luciana Rodrigues Pereira, tenho 46 anos e fui apresentada a revista por uma pessoa da comunidade. Sou da igreja católica e temos nosso grupo de jovem e ao ler a revista encontrei assuntos que interessam bastante aos jovens. Percebi que para atrair e manter os jovens por perto temos que ser “antenados”. Parabéns pela revista.”

> Luciana Rodrigues Pereira/Goiânia-GO

“Já havia visto a edição de lançamento da revista, daí então estou sempre acompanhando. Gosto do espaço onde os leitores podem enviar artigos. Sou estudante de pedagogia, vou cursar o sexto período este ano. Gostei das temáticas atuais e pretendo elaborar minha monografia sobre juventude e tecnologia; a revista foi um diferencial na minha escolha.”

> Maria Cristina Cardoso/Goiânia-GO

> apresentação

# Conheça a equipe da geração Z

O Corpo Editorial da Revista Geração Z é composto pelo Editor, Conselho Editorial e Equipe de Colaboradores, e a cada dia recebemos intensões da comunidade em se juntar a este grupo de amantes do fenômeno juvenil. Conheça os mais novos membros colaboradores de nossa equipe. E se você também quiser fazer parte é só entrar em contato conosco pelo email: [contato@revistageracaoz.com](mailto:contato@revistageracaoz.com).



Heloisa Ferreira da Silva/BA  
Pedagoga/UFBA. Mestranda na pós graduação em Educação na UNEB. Pós-graduada em Estudos Étnicos-raciais/IFBA. Assistente do Projeto: Em pregos Ferramentas de Cultura e Identidade. Pesquisadora

Grupo Griô: Culturas Populares, Diáspora Africana e Educação. Professora da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental, em comunidades periféricas de Salvador, com desenvolvimento de projetos e atividades de valorização das comunidades e os sujeitos. Projetos educacionais com jovens e adultos em ONGs, Associações Comunitárias e espaços religiosos, nestes desenvolvendo práticas pedagógicas para inclusão de jovens e adultos no primeiro emprego e cursos preparatórios para o vestibular. Pesquisas sobre as diversas formas de educação africana e afro-brasileira.

Email: [heloisachagas@hotmail.com](mailto:heloisachagas@hotmail.com)



Efon Batista Lima/BA.

Mestrando em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia, Advogado e Instrutor Jurídico no Centro Público de Economia Solidária da Secretaria do Trabalho, Emprego,

Renda e Esportes do Estado da Bahia. É especialista em Gestão em Saúde pela FIOCRUZ e Cursa a Especialização República, Democracia e Movimentos Sociais pela UFMG em parceria com a Secretaria da Presidência da República.

Email: [efsonlima@gmail.com](mailto:efsonlima@gmail.com)

## >Conselho Editorial



José Anierkson S. dos Santos / Brasil. Possui licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco – UPE e pós-graduação em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Tem experiência na área de ciências sociais, com ênfase em juventude e em políticas públicas. Foi o primeiro Diretor Presidente do Instituto de Protagonismo Juvenil – IPJ (2010 – 2012). Escritor e Conferencista. Possui experiência de voluntariado na África.

> Email: [aniervson@gmail.com](mailto:aniervson@gmail.com)



Dayse Alvares de Moraes Silva / Brasil. É coordenadora do Coletivo Utopia21, consultora de EAD no Instituto de Protagonismo Juvenil e Designer Instrucional na Educmedia. É mestranda em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC/SP, tutora, ciberativista e blogueira.

> Email: [uttopia21@gmail.com](mailto:uttopia21@gmail.com)



Paulene Almeida Rodrigues / Brasil. Possui Licenciatura em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia Clínica Institucional pela UEG. É tutora presencial do curso de Licenciatura em Pedagogia da UnB/UaB. Atuou nos projetos sociais alfabetização solidária, Brasil alfabetizado e projeto vagon-lume. Foi professora de EJA e tutora presencial do curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-raciais promovido pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR) da UFG. É aluna do curso de especialização em metodologia do ensino fundamental (UFG). Possui Cursos de extensão nas áreas de Planejamento em EAD pela Universidade Suldamérica; Atendimento Educacional Especializado pela UEG; Educação Inclusiva pela Faculdade Delta; extensão universitária em Bullying e em Educação para a Tolerância.

> Email: [paulene-almeida@hotmail.com](mailto:paulene-almeida@hotmail.com)



Sage Nenyue / EUA. Has a Bachelor's degree in Communication Studies from The College of Wooster, a small liberal arts institution in Ohio, United States. His senior Independent Study project allowed him to travel to Seoul, South Korea, where he investigated education and civic enga-

gement for his student magazine. He is currently working on his organization ModernMo, a resource for travel and culturally-inclined LGBTQ youth.

> Email: sage@sagesaturn.com



Luisa G. Pareja Villada / Colombia. Politóloga graduada de la Universidad Nacional de Colombia en 2011. Entre mis mayores intereses se encuentran las relaciones internacionales, cooperación, desarrollo y empoderamiento de las comunidades de base y cómo se puede dar la articulación de dichos procesos en redes horizontales. Le encanta el trabajo con comunidad y por ello ha realizado trabajo voluntario en Colombia en 2011 y en Mozambique en 2012. Actualmente trabaja para la Secretaria de Educación Distrital de Bogotá en temas de Participación y Convivencia Ciudadana.

> Email: luisita7@gmail.com



Denise Lopes da Silva / Brasil. Foi educadora de rua via CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente) de Marília/SP e depois educadora social na Casa do Pequeno Cidadão (Prefeitura de Marília) e no Projeto "Procria" da Associação de Moradores da Vila Barros – periferia de Marília. Atuou como Professora de Ensino Funda-

mental (1ª a 4ª série) e Professora Coordenadora do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Marília. Durante os anos de 2011 – 2012 foi Secretária Municipal da Juventude de Marília e atualmente é Professora Alfabetizadora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Marília e membro do IPJ – Filial Marília (Unidade Marina Ravazzi).

> Email: dennyselopes@gmail.com

### Equipe de colaboradores



Alcebino José da Silva/SP. Faz parte do Conselho Municipal de Juventude na cidade de Sud Mennucci/SP, onde também atua como conselheiro municipal de Meio Ambiente e de Bairros. Atualmente é coordenador da região Araçatuba pelo Lambda.

> Email: alcebino.silva@ig.com.br



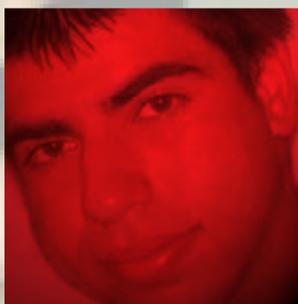
Douglas Ferreira dos Santos/RS. É militante da Pastoral da Juventude (PJ), educador e coordenador do Curso Popular Pré-Universitário/Up nas disciplinas de História e Atualidades.

> Email: douglas.ferreiradossantos@gmail.com



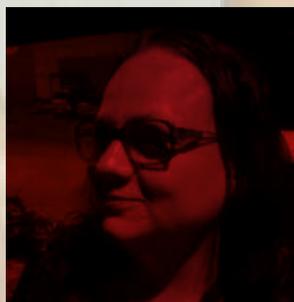
Leandro Silva Vilaça/GO. Possui formação em lideranças juvenis e foi colaborador da Casa da Juventude Pe. Burnier/GO (CAJU) e coordenador do curso de Liderança Juvenil. Atualmente é assessor de grupos juvenis em Goiás.

> Email: leandrojunqueira15@hotmail.com



Felipe Rodrigues Inacio Oliveira/SP. Pesquisador no projeto sobre Juventude e Participação na Construção de Políticas Públicas no Projeto Técnico Científico da Etec Polivalente, Americana/SP. Escritor do "Projeto 365".

> Email: feeh.rodrigues03@gmail.com



Giórgia Neiva/GO. Mestranda no programa de pós-graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (2012), linha de pesquisa Corpo, representações e marcadores sociais da diferença. Graduada em Psicologia pela PUC-GO (2003). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, Psicanálise e Supervisão Clínica. Tutora em EaD pelo Coletivo Uttopia 21. É membro da Rede de Educadores em Museus - Goiás (REM-GO) e pesquisadora do Ser-Tão - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG. Tem curso de Fotografia pela PUC-GO e nas horas vagas escreve contos.

> Email: giorgianeiva@gmail.com

# Construção de uma política juvenil participativa em Surubim

Nossa luta pela efetivação das políticas públicas de juventude em Surubim vem sendo travada a muito tempo. O Conselho Municipal de Juventude tornou-se a partir de sua aprovação no dia 05 de Abril de 2013 e com o início de suas atividades após sua posse no dia 15 de Agosto do mesmo ano um grande “farol” para guiar nossas juventudes na construção de uma sociedade mais justa e com participação juvenil efetiva. Contudo, como em todo bom caminho a ser trilhado, os obstáculos não demoraram a aparecer.

Na tentativa de iniciar de fato os trabalhos no CMJ, os jovens de nosso município atenderam ao chamado dos conselheiros e começaram a comparecer as nossas reuniões ordinárias no Centro Cultural Dr. José Nivaldo. A real participação juvenil no Conselho começava a se firmar, quando em um dado momento, uma das reuniões não acontece devido à ausência em massa dos conselheiros e às portas fechadas do espaço onde nos reuniríamos. Tal situação não tirou a força dos jovens ali presentes, que sob o luar, realizaram uma pequena conversa sobre o real papel do CMJ e as muitas falhas que estávamos encontrando em seu processo de efetivação. Uma nova reunião fora convocada pelas expressões juvenis ali presentes.

Outro fato interessante se dá nos dias posteriores a convocação deste novo encontro. Alguns componentes do CMJ articulam-se para que este momento puramente juvenil não pudesse acontecer. Felizmente, o clamor dos jovens surubimenses não foi ignorado e conseguimos nos reunir, mesmo com a ausência de quase todos os conselheiros, mas a força e o protagonismo das juventudes mostraram-se mais fortes vencendo todas as barreiras impostas. Os vários clamores que surgiram naquele momento, resumiram-se em uma Carta de Repúdio elaborada coletivamente, onde os gritos mais fortes da juventude de Surubim foram dirigidos ao Conse-

lho para ver se finalmente abandonaríamos a nossa zona de conforto para poder nos lançar “lá onde os jovens estão”.

Após ser divulgada em vários blogs e nas mais variadas mídias sociais, sente-se que a Carta de repúdio direcionada ao CMJ surtiu o efeito esperado. Na última reunião do Conselho, colocamos em pauta todo o processo que vivemos, aprovamos o Regimento Interno e finalmente pudemos conversar e começar a resolver toda a situação adversa na qual estávamos imersos. O espaço começa a se tornar verdadeiramente jovem. Enquanto conselheiros, acreditamos no poder transformador das juventudes e queremos unir forças para a cada dia efetivar as políticas públicas através do Conselho e da Secretaria de Juventude do município. Busquemos cada vez mais a “unidade da diversidade” e levemos os nossos jovens através do espírito revolucionário a lutar pelos seus direitos e ideias.

> Gabriel Arruda de Souza Fernandes  
Conselheiro de Juventude, representando a PJM  
Email: gabriel\_arruda789@hotmail.com

# O grito dos Skatistas



Oi, meu nome é Pablo Ferreira da Silva, tenho 18 anos e sou morador do bairro Jardim América na cidade de Capão do Leão. Desde que me entendo por gente venho reparando que nosso município vem passando por vários problemas, vejo pessoas lutando para fazer daqui um lugar melhor para se vive, pois não temos tanto lazer assim a disposição.

No ano de 2013 ocorreu um fato que reuniu vários skatistas em prol da construção de uma pista de skate em nosso município. Tudo o que queremos é um local para praticar o esporte e não estamos pedindo algo que exige tanto esforço da prefeitura, então a gente resolveu juntar toda a galera e conseguir assinaturas para demonstrar a atual administração que as pessoas apóiam nossa ideia. O desejo de sair da Avenida 3 de maio que é movimentada e perigosa para prática do skate é nossa e da comunidade.

Ao longo de toda a caminhada foi ocorrendo várias tretas com a polícia e coisas do tipo, mas isso

não fez a gente parar com toda a caminhada, esses acontecimentos só aumentaram a nossa vontade de quer a construção de uma pista.

Invadimos uma audiência na câmara com todo o pessoal que está envolvido nessa ideia, lá a gente junto com o comjuv levou cartaz e outras coisas pra chamar ainda mais a atenção, até um vídeo passou da nossa realidade para os vereadores e prefeito ficarem sabendo. Foi várias horas de debate, um empurrava pra lá, outro pra cá e todo o blá blá blá de político, até que que então disseram que vão fazer a pista. Somos jovens e vamos gritar até nossos pedidos serem ouvidos.

> Pablo Ferreira da Silva, skatista e estudante.  
Email: peeh.ferreira2015@hotmail.com

# Coletivo Uttopia 21

## Contos de um ser híbrido

Como avanço tecnológico presenciamos cada vez mais indivíduos conectados, em rede, e objetos com suas interfaces mais próximas dos humanos. Desse relacionamento surgiram seres híbridos, não compostos apenas por corpos físicos, mas possuidores de uma extensão a objetos interconectados e/ou ferramentas virtuais.

Talvez isso não seja tão novo na ficção científica apresentada no cinema e na literatura, afinal já cansamos de ver livros/filmes como *Neuromancer*, *Matrix*, *Laranja Mecânica* e até mesmo o clássico da era industrial *Frankenstein*. Mas agora a questão transpõe a ficção e passa a ser um relacionamento entre o eu e as coisas do mundo, tão bem narrado pelo filósofo Merleau-Ponty no livro 'A Fenomenologia da Percepção'. E é assim que começa essa linda história de conexão entre humanos e ferramentas virtuais.

Tudo começou quando nasceu a ideia de unir educação e tecnologia. Minha vida profissional precisava ganhar um sentido ou ampliar o sentido. E foi aí que me vi envolvida cotidianamente com a tecnologia. Aquela professora de outrora, resolve, em 2009, abrir uma ferramenta blog como forma de divulga-

ção do seu trabalho profissional, o espaço virtual era composto de experiências do uso de tecnologia em sala de aula. No blog eram divulgados assuntos como: artes, antropologia, saúde e educação. "Digitalizada, a informação se reproduz, circula, modifica e se atualiza em diferentes interfaces." (SANTOS, 2002, p.03). Mais do que textos, ali se encontravam vestígios de meus pensamentos a respeito de determinados assuntos. Momentos de alegria, de tristeza. Momentos de submissão na profissão, dia após dia ali eram retratados em forma de contos, artigos ou um simples parágrafo minhas sensações na sociedade presencial. Mais que um caderno, aquela ferramenta me colocava em imersão com as sensações de outros internautas.

No ano de 2010, sentindo necessidade de conectar mais profundamente e profissionalmente com outros(as) internautas, surge diante de um céu estrelado a ideia de promover um experimento de educação online e gratuita para a população da cidade de Goiânia. O nome: Coletivo Uttopia21, surgiu após uma consulta numerológica com o Astrólogo, numerólogo védico, professor de Ayurveda e de meditação

Fernando Lolácono, que acrescentou mais um T e o algarismo arábico 21 ao nome do que viria a ser o primeiro coletivo totalmente virtual, pelo menos na minha vida.

Ainda no ano de 2010 somam-se ao coletivo outros(as) profissionais interessados(as) na proposta e ideia do projeto: promover uma educação aberta, online e gratuita para a comunidade em geral.

A relação de trabalho dos profissionais no Coletivo Utopia21 é aberta e colaborativa. Sendo assim, trabalha quem tem interesse, tempo e vontade. No coletivo nenhum profissional é remunerado. Alguns profissionais que desenvolveram cursos no coletivo foram ex-alunos(as) ou melhor dizendo ex-participantes que tinham especialização, mestrado, e resolveram contribuir com o projeto. Não seguimos essa visão capitalista de educação, onde os profissionais são mal remunerados por uma carga excessiva de trabalho. Nossa proposta queria ser mais uma Zona Autônoma Temporária (Taz), com pessoas livres para aprender e compartilhar sensações, sentimentos e impressões.

Sem vínculo com nenhum órgão estadual, municipal ou federal, o coletivo também não possui estrutura física e nem sede presencial em nenhum lugar do Brasil.

Para manter a estrutura virtual de suporte e atendimento aos participantes dos cursos, o projeto gasta atualmente R\$29,00 por mês (dados de 2014), incluindo a produção de certificados para os participantes dos cursos.

A ferramenta virtual de aprendizagem é o Moodle, um software educacional livre, gratuito e com características construtivistas, podendo ser customizado de acordo com interesses de cada instituição. Embora seja um software de aprendizagem que já atingiu a maturidade, todo o seu crescimento se deu por meio do compartilhamento e desenvolvimento do software pela comunidade Moodle, que atualmente abrange mais de 230 países e 1.298.989 usuários

cadastrados no site, até o momento da pesquisa. No entanto, o número de usuários pode ser sensivelmente maior, pois não existe a obrigação de uma instituição ou usuário se cadastrar na comunidade para o uso da plataforma.

O conceito 'Modular Object- Oriented Dynamic Learning Environment' foi criado em 2001, pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas. A filosofia do projeto baseou-se em quatro conceitos básicos: construtivismo; construcionismo; construcionismo social e ligado e separado. A complexidade dos conceitos foi logo reconhecida pelos desenvolvedores e anunciada aos utilizadores. Resumindo, tais conceitos entrariam no conceito de conectivismo de George Siemens (2013): pessoas de maneira compartilhada aprenderiam e se conectariam às ferramentas para produção de novos significados. "[...] a proliferação de tecnologias permitem criar recursos e comunidades em que os indivíduos se juntam para aprender, colaborar e construir conhecimento." (MOTA, 2009, p.13).

No entanto, não é bem isso que acontece no Brasil. O ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) é utilizado por um grande número de universidades, escolas, faculdades para cursos baseados no formato tradicional e que não seguem a proposta construtivista do Moodle. Tais cursos formais tem como características pouca interação entre alunos(as)/alunos(as) e alunos(as)/ professores(as), apresentam muita reprodução de conteúdo, poucos objetos virtuais de aprendizagem e não focam a aprendizagem ou a co-criação dos (as) participantes.

No Coletivo Utopia21 o ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) é utilizado como um lócus virtual, onde os participantes tem interação com as ferramentas e com os outros participantes. Os primeiros cursos do coletivo foram ministrados de forma semipresencial: uma aula inaugural presencial com duração de 04 horas e as outras horas realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (Moodle). Com o passar do tempo, para atender os(as) participantes

de outras cidades e estados, os cursos tornaram-se totalmente online.

Em parceria com várias instituições, o Coletivo Utopia 21 sobreviveu aos anos. Em 2011, ocorre a parceria com a organização não-governamental Instituto de Protagonismo Juvenil (IPJ), sediada na cidade de Surubim (PE). De lá para cá, as duas iniciativas sempre caminharam juntas.

De 2010 a 2014, o Coletivo Utopia21 já promoveu mais de 30 cursos, três oficinas virtuais em parcerias com eventos nacionais e internacionais. Dos cursos promovidos, dois viraram artigos científicos apresentados em congressos em Goiás e Pernambuco. Hoje, o Utopia 21 mantém um grupo de pesquisadores de educação popular e tecnológica e parceria com a Revista Geração Z do Instituto de Protagonismo Juvenil (PE). O Coletivo Utopia 21 torna-se, em 2012, um projeto de dissertação de mestrado na PUC-SP.

Sendo assim, esse coletivo virtual tornou-se parte de mim como uma bengala faz parte da vida de um cego ou um aparelho auditivo integra o cotidiano de um surdo. Sim, esses exemplos são para demonstrar que seres híbridos existem, convivem entre nós todos os dias e muitas vezes fingimos não perceber. Fingimos ignorar suas diferenças para isolarmos no mundo e nos conceitos dos iguais. Agora só nos resta uma dúvida: o que os seres híbridos pensam disso?

Se isso é uma mera ficção ou emaranhados de sentidos, não faz diferença, afinal um texto é apenas um texto.

#### Referências Bibliográficas:

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOTA, José. Da Web 2.0 ao E-learning 2.0: Aprender na Rede. Dissertação de Mestrado. Versão online. Universidade Aberta. 2009

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo: Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SIEMENS, George. Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Idade Digital. Disponível em: <http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/conectivismo%5Bsiemens%5D.pdf> acesso em: 03/01/2013

> Dayse Alvares

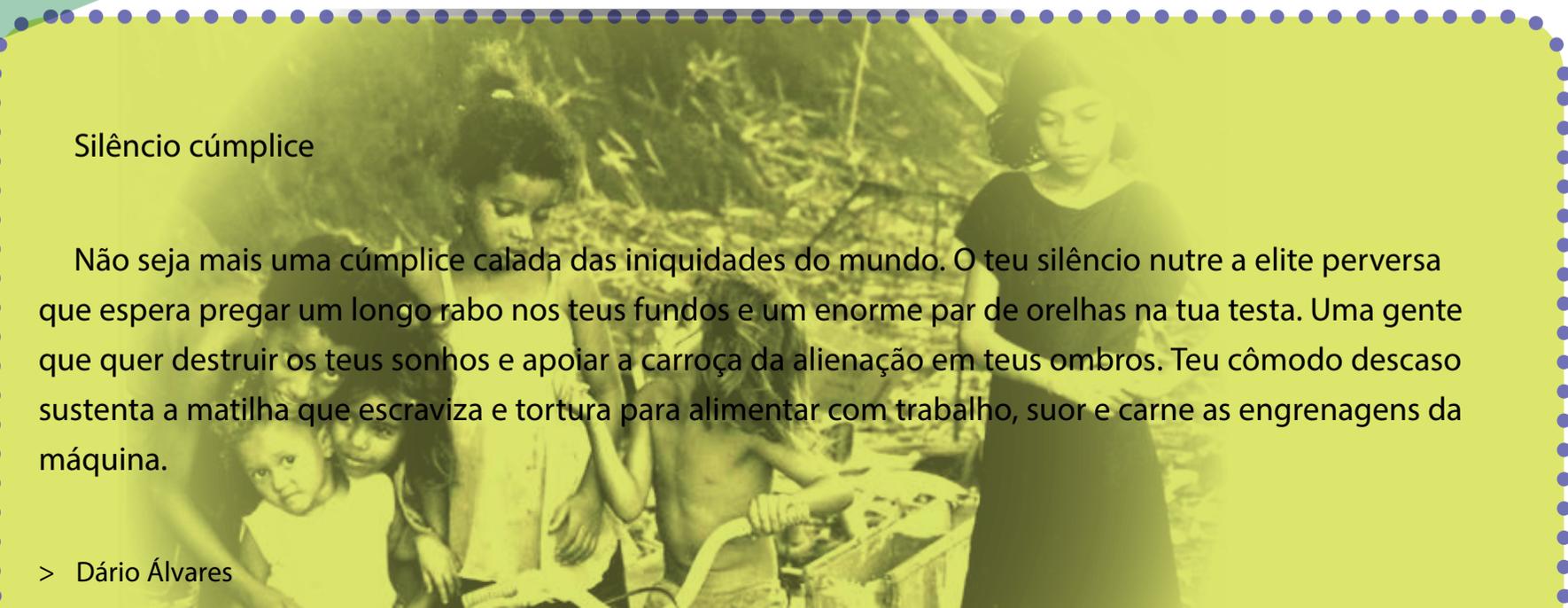
utopia21@gmail.com

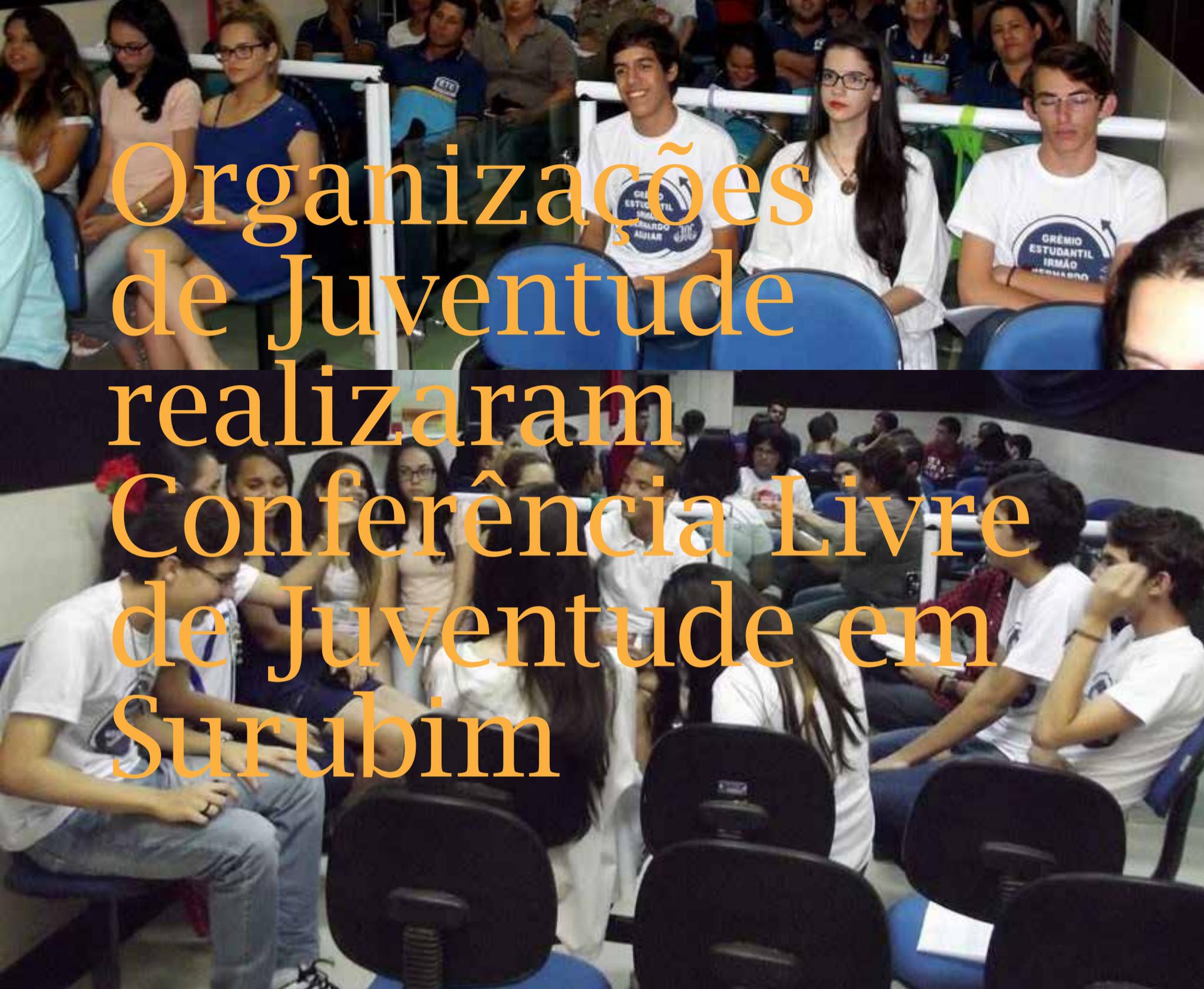
Socióloga, mestranda em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP), Coordenadora do Coletivo Utopia21, Consultora de EAD no Instituto de Protagonismo Juvenil (PE), integra o Conselho Editorial da Revista Geração Z. Professora formadora da disciplina de Metodologia da Pesquisa pelo CEPSS.

#### Silêncio cúmplice

Não seja mais uma cúmplice calada das iniquidades do mundo. O teu silêncio nutre a elite perversa que espera pregar um longo rabo nos teus fundos e um enorme par de orelhas na tua testa. Uma gente que quer destruir os teus sonhos e apoiar a carroça da alienação em teus ombros. Teu cômodo descaso sustenta a matilha que escraviza e tortura para alimentar com trabalho, suor e carne as engrenagens da máquina.

> Dário Álvares





# Organizações de Juventude realizaram Conferência Livre de Juventude em Surubim

O Instituto de Protagonismo Juvenil - IPJ juntamente com outras organizações da sociedade civil e estudantis de Surubim/PE realizaram no dia 27 de novembro de 2013 a Conferência Livre de Juventude que teve como tema "Qual política de juventude nós queremos?". A Conferência aconteceu no auditório da Câmara de Vereadores de Surubim.

Esta Conferência teve como objetivo

principal reunir a juventude para a discussão de prioridades e estratégias na construção, elaboração, execução e avaliação das Políticas Públicas destinadas aos jovens do município de Surubim. A Conferência se propôs ainda, reunir a maior diversidade possível de jovens para que fosse desenhado o rosto e o formato da Política Juvenil no município.

Foram realizadas 8 (oito) pré-conferências nas escolas e grupos juvenis em preparação a participação da juventude nesta Conferência Livre que reuniu mais de 100 (cem) jovens de diferentes organizações, culturas, idades, etnias, sexo, localidade, etc. As diferentes agremiações juvenis, grupos culturais, grupos religiosos, entre outros se fizeram presentes nesta Conferência marcando historicamente a construção das Políticas Públicas de Juventude (PPJ) em Surubim.

Embora não tivesse existido nenhum vínculo político-partidário e/ou governamental na organização desta Conferência Livre a equipe de coordenação e a juventude, de forma geral, esperava que houvesse a participação das lideranças políticas e autoridades das diversas esferas do governo para que estes pudessem ouvir os anseios e clamores das juventudes de Surubim. Infelizmente, nenhuma autoridade, de nenhum dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário) compareceu a Conferência, com exceção do subcomandante do 22º Batalhão de Polícia Militar, major Edivaldo.

As reclamações da juventude estavam dentro das temáticas da educação, cultura, transportes, segurança pública, respeito a diversidade, lazer e o direito a participação. A existência do Conselho e da Secretaria da Juventude estava entre os maiores índices de descontentamento do público jovem. Em todas as rodas de conversas (pré-conferências) realizadas pela equipe de mobilização da Conferência Livre nenhum, ou quase nenhum jovem conhecia a existência da Secretaria da Juventude, instituída em setembro de 2011; do Conselho da Juventude, criado por lei em abril e empossado em agosto de 2013 e/ou do Estatuto da Juventude, sancionado em agosto de 2013.

Na fala de uma das jovens participantes da Conferência Livre é possível perceber a vontade que a juventude de Surubim tem em poder participar ativamente de suas políticas. "Precisamos de mais encontros como este, que sejam liderados pela Secre-

taria da Juventude e que os jovens estejam a frente, afinal a juventude de certa forma não está tão a frente da mesma", disse uma das participantes. Outro jovem reclama da ausência, de entre outras autoridades, dos vereadores de Surubim que não se fizeram presentes para ouvir as juventudes.

Mesmo esta Conferência Livre de Juventude não ter caráter deliberativo como possui uma conferência convocada pelo governo a mesma se propõe a orientar os governos e as instituições que lidam com o público juvenil a pensarem estratégias no atendimento a essa parcela da sociedade civil e principalmente aos órgãos gestores de políticas de juventude que busquem promover o(a) jovem como protagonista. Esta Conferência também quer dizer aos governos que a política de juventude deve, obrigatoriamente, acontecer De/Com/Para a juventude.

O Relatório completo com todos os detalhes, discussões, pontos abordados e deliberações da juventude foi elaborado pela equipe que coordenou as atividades da mesma e conta, sobretudo, com as falas das juventudes participantes. Esse relatório, pode ser acessado no site do IPJ, pelo endereço: [www.jovensprotagonistas.wix.com/ipjorg](http://www.jovensprotagonistas.wix.com/ipjorg).

Repetindo as palavras de amigos militantes, precisa ficar muito claro, que não é apenas a juventude que precisa de Surubim, mas é principalmente Surubim que precisa da juventude.

- > Cinthia Maria Queiroz da Silva  
Diretora Presidenta do IPJ  
Email: [presidente@juventudeprotagonista.org.br](mailto:presidente@juventudeprotagonista.org.br)

# Ferramentas de Cultura e Identidade

A close-up photograph showing a person's hands working on a craft project. The hands are positioned over a white surface, possibly a piece of fabric or paper, and are actively engaged in a task. The background is slightly blurred, showing some greenery and a wooden structure.A large, intricate sculpture of a person, possibly a dancer or a figure in traditional attire, made of thousands of small, dark, textured objects. The sculpture is mounted on a white wall. To the right, there is a smaller, similar sculpture of a person in a dynamic pose, also made of small objects. The background shows a wooden roof structure and some greenery.

Jovens de Salvador  
vivenciam sem fronteiras  
as primeiras experiências  
profissionais como artistas

Serem livres para viver as suas potencialidades, é isso que todos os jovens querem, e quando chegam as oportunidades, geralmente eles abraçam e rompem fronteiras, isso aconteceu com três jovens moradores das comunidades populares de Salvador que estão vivenciando as suas primeiras experiências como artistas profissionais. Em 2012 Tauan Amazonas, Thaison Paixão e Tiago Silva Couto começaram a produzir artes com o incentivo do artista plástico Alexis Peskine, franco-brasileiro, que vive entre Salvador e Paris envolvendo jovens artistas em seus trabalhos.

Em novembro de 2012, conheci Alexis Peskine, com o seu sotaque baiano ao francês, este me rendeu experiências agradáveis quando curiosamente comecei a acompanhar o projeto que acontecia no bairro onde moro, até então o projeto nem tinha nome, mas tinha atuação cotidiana envolvendo crianças, jovens e famílias da comunidade do Engenho Velho de Brotas, Salvador-BA

O cenário era encantador, numa sala pequena da Fundação Pierre Verger, Alexis, mais os três jovens e algumas crianças produziam obras de arte, com pregos, martelos, câmera fotográfica, tabletes, bola de basquete, folha de ouro entre outras ferramentas de lazer e trabalho. A primeira obra estava sendo produzida com o tamanho que mede 150 cm de diâmetro, assim a técnica estava sendo aplicada, e os jovens aprendendo a fazer artes. Durante as produções os jovens tinham aulas de basquete e língua francesa, tudo sob a coordenação de Alexis.



O projeto está sendo desenvolvido simultaneamente em quatro países: Brasil, Senegal, França e Marrocos, apoiado pelo próprio artista e com a colaboração do espaço físico da Fundação Pierre Verger, assim conseguiram construir 4 obras.

As técnicas de trabalho do artista plástico Alexis Peskine baseiam-se em aplicações de pregos de diversos tamanhos sobre suas telas, dando efeito de alto relevo, nestas temos retratados os corpos negros que trarão a tona (como ferramentas propriamente ditas) questões culturais e identitárias do universo afro-descendente. Este projeto tem relevância simbólica material e imaterial para construção da memória afro-descendente. No que tange a materialidade temos as obras contemporâneas e sua função enquanto objetos transmissores de ideias e pontos de reflexão dentro de uma exposição.

A arte contemporânea de Alexis Peskine e a construção de obras juntos aos jovens possibilita um novo viés de pensamento do negro, de sua arte e de sua estética. O teor imaterial do projeto perpassa todo sentido subjetivo da arte contemporânea; está no trabalho com a identidade e o questionamento da posição social e cultura a partir da imagem; a arte como elemento questionador. Dessa forma, o valor simbólico,

Três alunos da Fundação Pierre Verger e embarcam, no próximo mês de novembro, para serem escolhidos entre os que participaram do projeto. O artista plástico Alexis Peskine, que vive entre Salvador e Paris, fez um curso de três meses em Salvador, no Engenho Velho de Brotas, onde ensinou a técnica de transformar fotos em obras de arte. Alguns dos trabalhos foram feitos com o nome de Nêdia Taquary. Não foi apenas por Peskine participando do projeto que os alunos levaram as obras para o Marrocos, para serem exibidas em novembro, fazer uma homenagem pelo Mês da

Tiago Silva Couto, um dos alunos do projeto, fez uma obra em Paris, no Senegal

histórico e cultural permeia o projeto ao explorar as dimensões de performances de corpos negros, considerando as especificidades de cada grupo étnico, sua vida cotidiana e comportamentos. O principal objetivo é montar uma exposição com as obras construídas pelos jovens em Salvador –BA

Após a conclusão desta primeira etapa de construção das obras, os jovens selecionados fizeram de maio à agosto de 2013 um intercâmbio com o artista para alguns países como França, Senegal e Marrocos com o objetivo de conhecer e participar do mesmo projeto com os jovens destes países, onde também participaram da residência artística em Marrocos. Agora, faltam concluir mais 4 obras em Salvador e montar uma exposição.

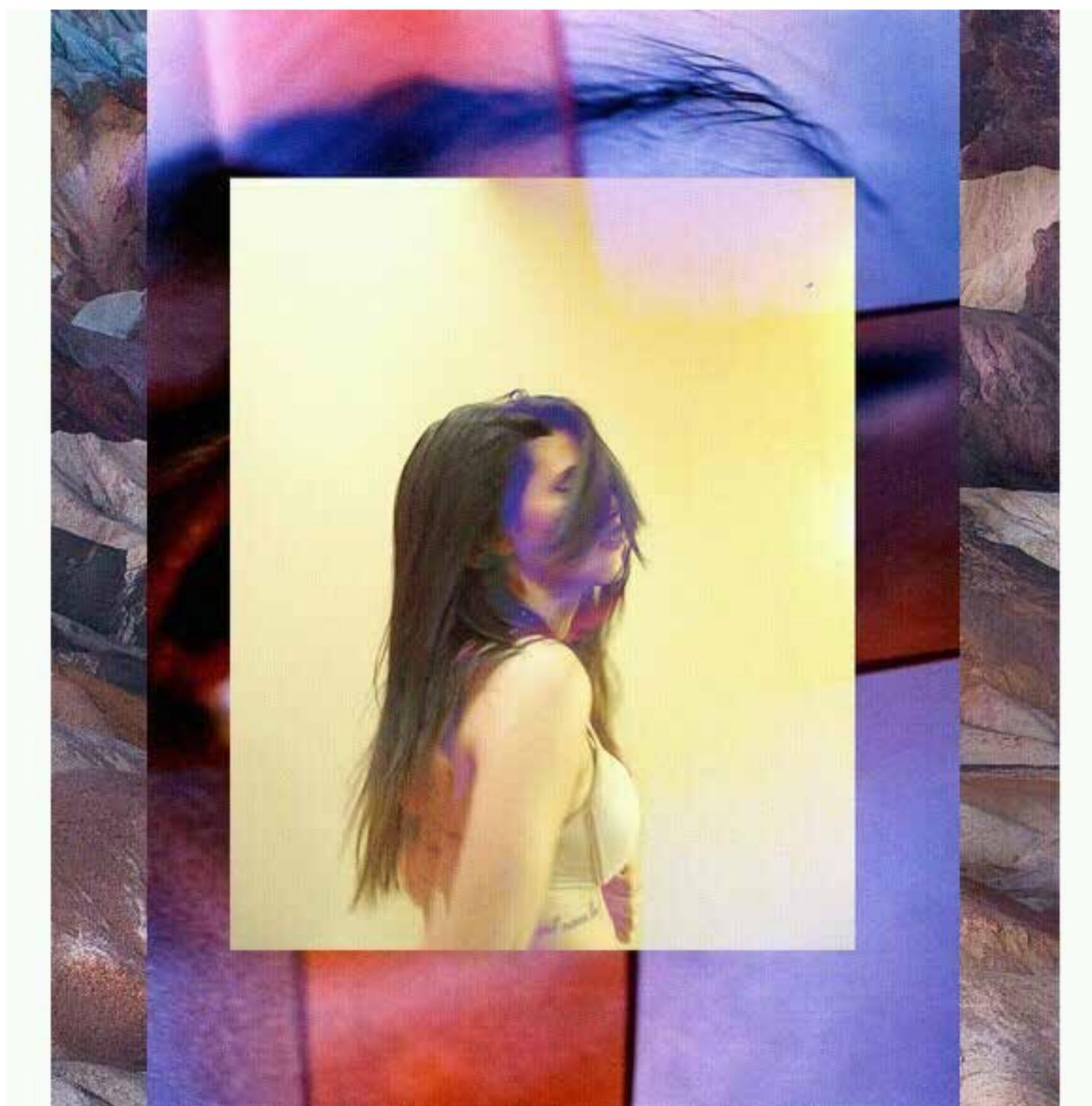
- > Heloisa Ferreira da Silva
- > Equipe de Colaboradores. Assistente do Projeto Em Pregos: Ferramentas de Cultura e Identidade. Pedagoga/UFBA. Mestranda em Educação/UNEB. Pós-graduanda em Estudos Étnicos e Raciais/IFBA. E-mail: heloisachagas@hotmail.com



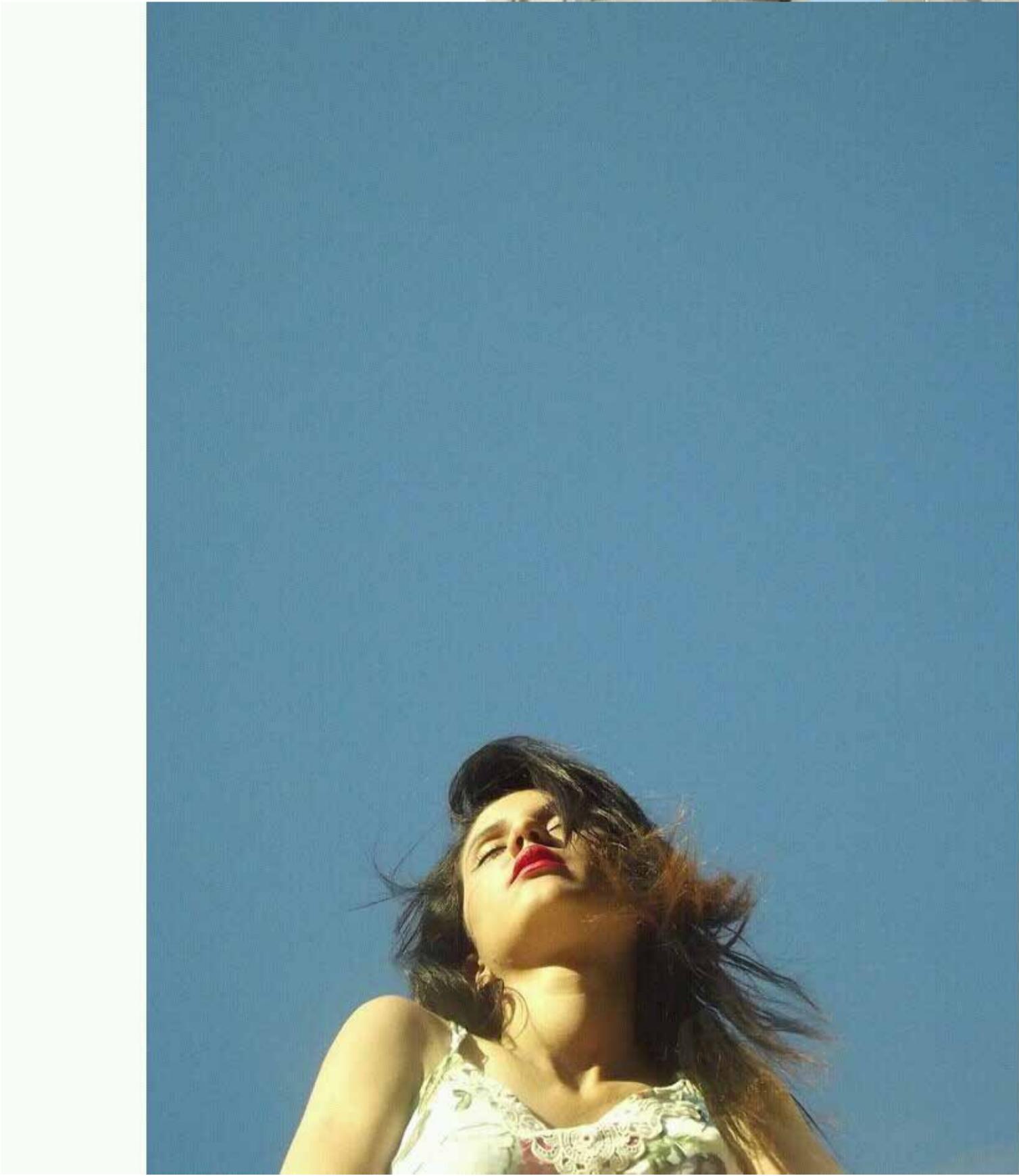
Da esquerda para a direita: Thaison Paixão, Tauan Amazonas, Tiago Silva Couto e Alexis Peskine. Momento após a conclusão da obra "os jogadores" na Fundação Pierre Verger.

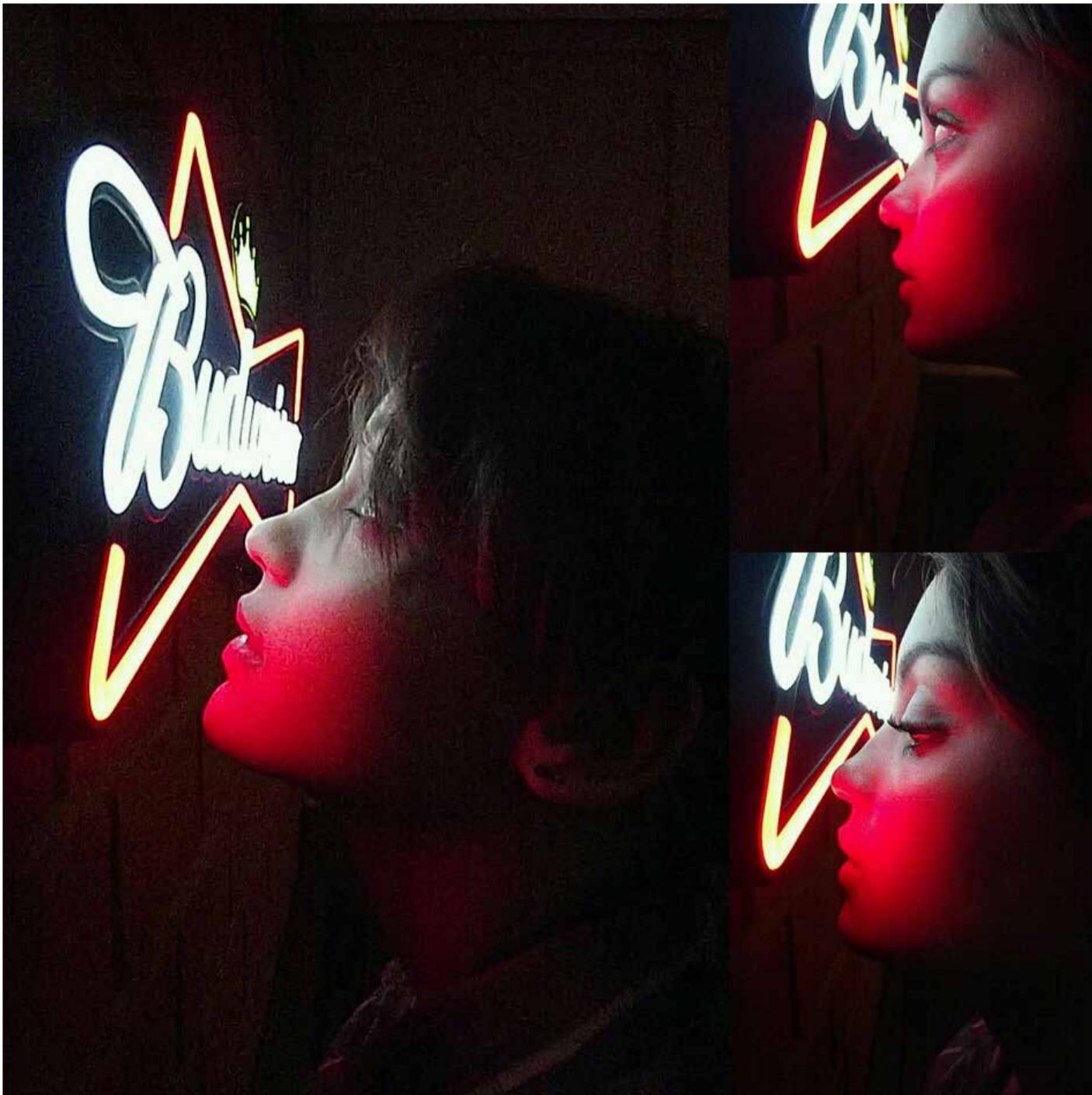
# Ensaio Fotográfico

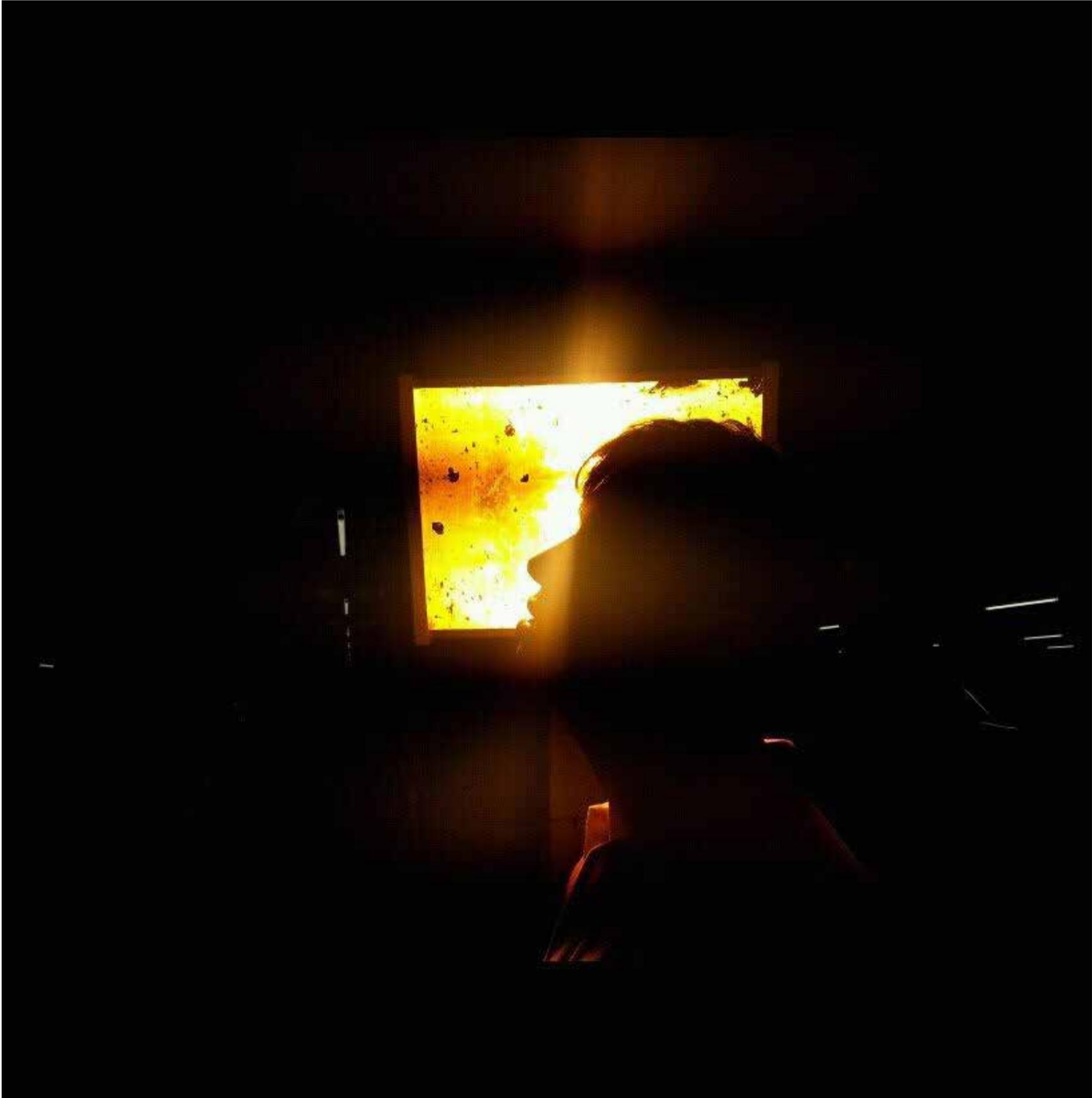
Alguns gritos vêm da rua e outros da alma. Gritos de vozes, gritos de letras, gritos de imagens e sons. Neste ensaio fotográfico, o artista Lívio lança seu olhar em um grito vindo da alma de jovens em busca de sua autoestima. Entre nesta viagem e interaja com este ensaio fotográfico.













“Minha história com foto já vem de muito tempo, sempre gostei e me interessei por fazer, mas foi quando eu comecei a pagar as cadeiras de Fotografia & Imagem/ Fotojornalismo na faculdade que a coisa aflorou de vez. Mudei minha maneira de ver, fazer e produzir uma foto e hoje tô engajado em projetos da área como o meu próprio portfólio. Apesar de ser bem

amador, sou vidrado em arte conceitual e como amo moda, busco passar uma imagem que não seja só beleza. Meu intuito mesmo é mostrar as pessoas de um outro lado. Sempre de perfil, trabalhando diferentes personalidades e o lado íntimo de cada um. Meu olhar fotográfico tem em vista o ID das pessoas. O lado íntimo delas, e geralmente o que ninguém vê. Sempre de perfil e com diferentes conceitos a cada imagem.”

> Lívio, 18 anos.

liveverett@hotmail.com

> em pauta

# O Coletivo Jovem de Formação, Arte e Comunicação do Assentamento Santana

## Uma experiência de resistência da juventude camponesa.

### Resumo

O artigo que ora se apresenta é uma reflexão acerca dos processos de manifestação e articulação que a juventude camponesa do Assentamento Santana que vem forjando e resistindo contra todas maneiras e possibilidades de saídas de suas bases formativas para seguir em busca de seus sonhos em outros espaços e territórios. Buscando alicerçar e estabelecer seu processo histórico e protagonismo em seu próprio território, que é o território camponês. Além de visar, desmistificar concepções arraigadas e conservadoras que ainda persistem em conceber o campo como espaço e território sem possibilidades de usufruto e materialização de uma vida digna. Nesta direção a juventude resiste e reivindica o acesso a melhorias de condições e o pleno acesso aos direitos sociais e humanos dos povos camponeses, nos seus mais variados contextos e peculiaridades.

Palavras-chave: Juventude Camponesa, Sonhos, Resistência, Luta.

## Abstract

### Youth Collective Training, Art, and Communication in Santana Settlement: An Experience of Rural Youth.

The article presented here, is a reflection on the processes of manifestation and articulation that the rural youth of Settlement Santana comes forging and resisting all ways and possibilities of their training bases outputs to follow in pursuit of their dreams in other areas and territórios, seeking to consolidate and establish its role in the historical process and its own territory, which is the peasant territory. Besides aiming, demystify and entrenched conservatives aindam persist in conceiving the field as space and territory without possibilities of enjoyment and realization of a worthy life conceptions. In this direction the youth resists and claims access to improved conditions and full access to social and human rights of peasant peoples in their diverse contexts and peculiarities.

Keywords: rural youth, dreams, strength, struggle.

## INTRODUÇÃO

A juventude camponesa luta e busca por espaços que lhe deem voz, vez e lugar para manifestar suas potencialidades, e que reivindicam por um campo que seja justo, pleno e soberano no acesso aos mais diversos direitos sociais e humanos fundamentais para consolidar todos os pressupostos pelos quais concebemos como fulcrais e substanciais para a garantia da vida.

Ao contrário do que muitos pensam, a juventude camponesa não anseia deixar o campo e seguir para as grandes cidades, mas as condições impostas no interior do país forçam na maioria das vezes a saída desses jovens. Não é uma escolha sair do campo, são as condições que nos empurram a sair. Mesmo condições precárias, elas só existem nas cidades. Não é verdade que não queremos ficar, mas precisamos ter condições de ficar na terra. É preciso que haja melhorias no acesso políticas públicas de geração de renda que garanta que os jovens possam trabalhar, estudar e todas as condições necessárias para ser feliz. De acordo com pesquisas realizadas pela Escola do campo Florestan Fernandes do Assen-

“a juventude camponesa não anseia deixar o campo e seguir para as grandes cidades, mas as condições impostas no interior do país forçam na maioria das vezes a saída desses jovens

tamento Santana na semana do estudante em agosto de 2013

mostra que 35,6% da população do assentamento é composta por jovens. Os jovens vêm se mobilizando para conseguir seus ideais. A pesquisa revela o nível de escolaridade dos jovens: temos técnicos em zootecnia, agropecuária, agroindústria e em informática. Assim também conseguimos ingressar jovens nos cursos de Veterinária, Zootecnia, Serviço Social entre outros. Vale ressaltar que apenas 14% dos jovens não estão estudando, uns por que abandonaram os estudos sem concluir o ensino médio para ajudar a família em atividades produtivas e os outros ainda não conseguiram ingressar numa universidade.

### O Coletivo Jovem de Formação, Arte e Comunicação do Assentamento Santana: Uma experiência de resistência da juventude camponesa.

O Coletivo Jovem de Formação, Arte e Comunicação é um grupo constituído por jovens camponeses do Assentamento Santana, que vem buscando constituir espaços de lutas, conquistas e resistência no Campo Brasileiro, com vistas a consolidar um real espaço de vida e potencialização da dignidade humana, redirecionando para o fortalecimento de processos emancipatórios. É uma atividade imbricada numa organização não governamental, que se registra a partir da ONG Arte e Vida, erguida e direcionada com ações artísticas-culturais, formativas, educativas e ecológicas que vem sendo desenvolvidas no âmbito dos espaços do Assen-

tamento Santana, sendo na Pastoral da Juventude e Escola Florestan Fernandes, além de assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais e indígenas que circundam o Assentamento.

O processo sócio-histórico do Assentamento Santana<sup>1</sup>, surge a partir da luta pelo acesso a terra e, sobretudo reforma agrária, a direção seguida pelos homens e mulheres que provinham de realidades e contextos marcados pela subalternização e exploração do trabalho era de construir num espaço coletivo a vida, podendo neste, engendrar as reais possibilidades de acesso e usufruto a direitos fundamentais a vida humana e social, pois as vivências que tinham em outrora eram de realidades duras e expropriadoras do mais essencial que tinham, que era a vida.

Neste sentido, ao chegarem a terra para ocupar e resistir as mazelas e agruras do latifúndio se coadunam em torno de princípios e defesas coletivas, lutando aguerridamente contra os processos de massacre e aviltamento da dinâmica societária latifundiária e suas reverberações opressoras. Assim sendo, os assentados e assentadas, o homem e a mulher camponesa, vislumbra não só o acesso a terra, mas acesso a processos de fortalecimento e resgate a cultura, saúde, trabalho digno, renda, informação, formação e educação, processos que gerem esteios concretos e que assegurem o desencadear de novos tempos, deste modo, ao conseguirem galgar a conquista pela terra e firmarem que a terra que era improdutiva e abandonada, que era só terra, matas e solidão, tornar-se-ia espaço fecundo de vida, história e realizações, pois neste território germinaria sonhos, lutas, convicções e sobretudo transformação do que antes era do patrão, do opressor, agora tornaria terra de todos e todas, terra dos oprimidos, dos marginalizados, dos sem-terra, terra sobretudo dos sujeitos plenos de vida, história, conhecimento e direitos. Um dos grandes anseios do Assentamento era primordialmente o acesso a Educação do e no campo, uma educação que contemplasse as perspectivas e necessidades dos sujeitos camponeses.<sup>2</sup>

1 O Assentamento Santana, está situado nos sertões cearenses, com localização no município de Monsenhor Tabosa, ficando a 275 km de Fortaleza.

2 “È necessário e possível se contrapor lógica de que a

A Escola do/no Campo Florestan Fernandes é fruto simbólico e concreto da luta da classe trabalhadora, em conjunto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)<sup>3</sup>, trazendo em seu bojo a construção de um projeto político-pedagógico que busca articular as diversas dimensões do sujeito social, tomando o conhecimento a partir do contexto singular para o universal, em intrínseca relação com as lutas sociais, com o trabalho como princípio educativo, com as práticas pedagógicas, se colocando em movimento com os anseios e lutas da classe trabalhadora, para construir um processo de formação que contribua expressamente para emancipação humana, para o desvelar dos processos de exploração e para intervenção na realidade, a partir e com o conhecimento consolidar um novo campo, mediante um processo de formação que nós possibilite pensar, atuar e nos tornar ser, e não meramente obedecer, enviesar, engessar e tornar o ato socializador do conhecimento em vias mecanicistas e opressoras.

Defendemos um projeto de campo e de Educação<sup>4</sup> imbricado ao desenvolvimento da agricultura

---

escola do campo é escola pobre, ignorada marginaliza numa realidade de milhões de camponeses analfabetos e de crianças e jovens condenados a um círculo vicioso: sair do campo para continuar a estudar, e estudar para sair do campo. Reafirmamos que é preciso estudar para viver no campo” (Cadart, pg.120,2002)

3 “O movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores.”(Cadart, p.01, 2001)

4 Nossa proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam

camponesa, projeto este que valorize os saberes da terra, a cultura, a organicidade, as lutas sociais, a coletividade, a soberania alimentar, sobretudo, a garantia de uma vida digna com plenitude no campo para todos os povos camponeses. Assim sendo, a Educação do Campo toma para si a defesa de um projeto maior, não é meramente o processo de construção coletiva do conhecimento, em termos e dimensões pedagógicas, mas é, sobretudo a luta pelo desenvolvimento do território camponês e os diversos complexos presentes neste terreno,

assim sendo, uma sinalização e posição que o projeto do Assentamento Santana defende é agricultura familiar, as práticas agrícolas e agroecológicas, a economia solidária e familiar em contraponto e refutamento ao agronegócio, aos agrotóxicos, aos transgênicos, aos venenos do grande e perverso capital<sup>5</sup> que destrói a vida, a natureza, os sujeitos sociais.

É mister salientar que o processo de socialização e construção do conhecimento é edificado coletivamente em conjunto com a comunidade escolar, educando(a), educador(a), família, movimento social, perpassa por diversos elementos que são veementes na consolidação da proposta política e pedagógica da Escola do Campo, que é a formação centrada na dimensão humana. Existe substancialmente o contato direto do conhecimento escolar com a realidade, mediante o inventário da realidade e as matrizes do trabalho, da cultura, das lutas sociais e da organização coletiva; inseri-se os componentes curriculares

---

dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico. (Cadart, pg. 2, 2004)

5 “A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que nutre da morte, do desalento e da miséria”. Milhares de sujeitos sociais de direitos que vivem sob as migalhas da ordem, que se apropria literalmente da riqueza socialmente produzida, deixando a mercê milhões em condições precárias, ou se quer sem condições de vida digna.”(Freire,2005)

integradores como parte diversificada, organizando pedagogicamente a pesquisa, o trabalho e a intervenção social, sendo realizado a partir de três novas disciplinas que são: Organização e Técnicas do Trabalho, Estudos, Projetos e Pesquisa e Práticas Sociais Comunitária, ambas com fins em específicos e com condicionantes valiosos para a exponenciação da proposta de luta e de formação dos povos camponeses. Além do fortalecimento do trabalho e o campo experimental da agricultura camponesa e da reforma agrária

que é um espaço de apreensão de diversas técnicas agrícolas e sustentáveis, assimilando e construindo novas tecnologias de convivência com o semiárido nordestino, ressignificando que o período de escassez urgado com a seca, não é algo inevitável ou meramente natural, mas é um período que pode ser contraposto com a contribuição de técnicas de convívio

e relação com os recursos naturais e sua conservação e preservação.

É neste contexto de luta, resistências e conquistas que a juventude camponesa do Assentamento Santana vem consolidando bases para deflagrar reais processos e espaços de materialização dos seus sonhos e perspectivas, com vistas a dar tonalidade e expressão aos seus anseios. A juventude do Assentamento, tem se tornado protagonista da sua história e construtora do seu presente e futuro, o grupo de jovens envolvidos nas ações do Coletivo de Formação, Arte e Comunicação setor integrante da ONG Arte e Vida, totalizam em 300 jovens que resistindo e se pondo nas trincheiras da luta por um campo possível e necessário para se viver e conviver e se colocando em movimento e contraponto ao êxodo rural e a imigração para os grandes centros urbanos, ousam defender ideologicamente suas posições e concepções de vida e de sociedade, ressignificando que o Assentamento Santana vertiginosamente tem conseguindo quase que eliminar os índices e números de imigrações da sua juventude para as grandes metrópoles

**“ O Coletivo articula uma gama de dimensões e postulações essenciais e fulcrais para o tangenciamento de uma vida fidedigna e sólida, propiciando a juventude camponesa o acesso ao sonho real, sonho palpável, sonho consistente, sonhos concretos**

e espaços urbanos, que na qual passam a sofrer as mais perversas e inversas condições de vida e subsistência, tendo que sobreviver sobre o estigma da precarização absoluta. “Há necessidade de quebrar as máscaras que são impostas para as juventudes e observar as necessidades deste segmento social, por vezes invisibilizado na sociedade, a fim de produzir políticas públicas que deem conta das complexas necessidades que esses sujeitos demandam.” (Scherer, p.33, 2013).

Destarte, concebemos que o Coletivo articula uma gama de dimensões e postulações essenciais e fulcrais para o tangenciamento de uma vida fidedigna e sólida, propiciando a juventude camponesa o acesso ao sonho real, sonho palpável, sonho consistente, sonhos concretos. Perspectivando isso as ações do Coletivo da Juventude de Santana, se estabelece a partir de três eixos, defendidos pela juventude e assentados (as) como necessários para a concreção desta vida tão sonhada e tão esperada dignamente que é:

Formação<sup>6</sup>, neste eixo relevante e fundamental para a consubstanciação das ações do coletivo, tem se construído com a juventude do Assentamento Santana, um amalgama de atividades práticas como formação em teatro, arte, música, pinturas, informática educativa, inclusão digital, educação do campo, agroecologia são formações técnico-científicas realizadas no âmbito das instituições de formação como Universidades e Instituições que apoiam diretamente as ações do Coletivo, assim como o Projeto Ponto de Cultura<sup>7</sup> e Territó-

6 “A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que prometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.” (Freire, 2005)

7 Os pontos de Culturas é uma iniciativa do Ministério da Cultura que busca estruturar e dar fomento as ações culturais. No Estado do Ceará, especialmente nos assentamentos de reforma agrária, esta iniciativa vem sendo acompanhada pelo projeto Arte-Cultura na Reforma Agrária do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/CE),

rios Digitais (Casas Digitais)<sup>8</sup> que são projetos que veem contribuindo diretamente para o redimensionamento de formações e socializações de saberes e técnicas fundamentais para o asseguramento e garantia de diversas atividades, que se desenrolam com o fito de contribuir na potencialização da história, na constituição de identidades profissionais da juventude e também em geração de renda, garantindo que a juventude permaneça e finque suas bases no campo e que não necessite sair do campo por condição, acreditamos que nestes territórios camponeses que historicamente foram concebidos e apreendidos como espaços unilaterais de produção agrícola, de extração de matérias primas e bens naturais, e assim sendo, marginalizado e penalizado pelo não acesso as técnicas de convivência com o semiárido, pela ausência do acesso as políticas sociais e públicas, pelo distanciamento do desenvolvimento social em consonância com o público e pelo fortalecimento penoso de ranços conservadores, que vieram apenas a impelir estes contextos,

com vista a “promover atividades de formação, difusão, intercâmbio, registro e preservação da produção artístico-cultural dos assentamentos de forma a valorizar a diversidade desta produção, proporcionando uma nova perspectiva para desenvolvimento para os assentamentos rurais, gerando novas oportunidades de formação, geração de renda e de reconhecimento dos assentados enquanto produtores de cultura.” Disponível em <http://arteculturana-reforma-agraria.blogspot.com.br/2011/06/por-que-um-projeto-de-arte-e-cultura-na.html> acesso em 27 de Dez. 2013

8 Conforme Rossana Moura (2009) “O Projeto Territórios Digitais foi lançado em 2008 com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável por meio da apropriação das tecnologias disponíveis. Os Territórios Digitais consistem na implantação de Casas Digitais - espaços públicos e gratuitos localizados nos Territórios da Cidadania, com acesso a computadores e internet - para uso comunitário de assentados e assentadas, agricultores e agricultoras familiares, povos e comunidades tradicionais residentes nos territórios rurais.” Este projeto é uma iniciativa do Núcleo de Estudos Agrários de Desenvolvimento Rural pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário e Ministério das Comunicações. No Estado do Ceará, esta ação vem sendo coordenada pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário, convém destacar que o Estado do Ceará é um dos estados que vem continuando veemente com os todas ações e proposituras arroladas no projeto. Para mais informações ver Página do projeto na internet <https://www.facebook.com/pages/Agentes-Comunit%C3%A1rios-de-Leitura-e-Inclus%C3%A3o-Digital-do-Campo/454751711281196?ref=ts&fref=ts>

marcando e estigmatizando estes como espaços pobres, degradantes e obscuros, oprimindo ferrenhamente a vida, os sujeitos sociais, as vozes, as histórias. Obrigando e se colocando como opção única à saída para os grandes centros urbanos, em busca da luz do desenvolvimento social, humano e econômico dos indivíduos sociais, que se encontra na maioria das vezes em trabalhos penosos, insalubres, inseguros, incertos, aviltantes, expropriadores, sem condições e possibilidades reais de viver. Convém ressaltar que o Assentamento, encontrasse com um grupo de jovens que já concluíram nível médio técnico em Agropecuária, Zootecnia, Agroindústria e Informática, superior em Pedagogia, Jornalismo, Serviço Social e Administração, e outros cursando ensino médio técnico em Agropecuária e Zootecnia, graduação em Administração, Serviço Social, Veterinária e especializações em Agroecologia e Educação do Campo.

Arte, neste outro eixo as práticas do Coletivo de juventude busca dar sustento as manifestações e expressões artístico-culturais da juventude por meio da articulação e organização de grupos artísticos, como: Banda de Lata, Grupo de Dança Popular, Quadrilha, Reisado e Teatro, estas manifestações tem como cunho social e cultural, redimensionar os processos de resgate de práticas culturais tidas historicamente e outras urgidas da necessidade de vinculação da arte com o processo sócio-histórico do Assentamento. Deste modo, no Assentamento Santana, é existente o grupo de Teatro Arte e Sonhos do Assentamento Santana (ASAS) que se utiliza das técnicas teatrais para expressar o processo de mobilização, articulação e luta pela terra, questões sociais e temáticas existente na vida da juventude. A Banda de Lata é uma atividade que envolve práticas ecológicas de reaproveitamento de objetos e materiais, para transformação em instrumentos musicais, além dos cantares populares das músicas culturais e regionais, outra manifestação artística é o grupo de cantadores popu-

lares que é o Reisado, com sua prosa e dinâmica animam as noites da primeira semana de Janeiro em homenagem ao nascimento de Jesus Cristo e a vinda dos três reis magos. A quadrilha como dança artístico-popular vem tornando-se expressão de maior participação da juventude camponesa, por seu conjunto de elementos artísticos. Em suma arte e a cultura é o vínculo que aproxima gerações, que socializa os ideias e os pressupostos filosóficos que incidem no modo de se relacionar e conviver dos sujeitos sociais do Assentamento Santana.

Comunicação, neste aspecto a juventude do Assentamento Santana vem incisivamente contribuindo para ampliar os horizontes do acesso ao trabalho e renda. Em tempos coevos, a Juventude do Assentamento participou e construiu da metodologia do projeto Territórios Digitais (Casas Digitais) mediante sua experiência enquanto primeira experiência de acesso e formação em Inclusão Digital no contexto camponês. A própria juventude camponesa, se tornou protagonista na discussão, apropriação e construção dos processos metodológicos da formação, socializada em mais de 100 comunidades camponesas, tradicionais, quilombolas, indígenas e assentamentos de reforma agrária, tendo como eixos formativos a Informática Educativa Básica, Gestão Coletiva e Educação do Campo, se desenrolando num curso para Agentes Comunitários de Inclusão Digital, perfazendo uma carga horária de 180 horas/aulas, além da organização da gestão dos espaços das Casas Digitais, a formação constituída, atendia as diversas temáticas e discussões desde de como ligar um computador, até de como acessar as tecnologias digitais, com fins formativos e educativos, além do trabalho coletivo com os agricultores e sujeitos destas ações para articulação em prol de demandas e necessidades que a cada comunidade apresentava, buscando soluções e encaminhamentos a partir do acesso das tecnologias digitais de informação e comunicação. A metodologia se funda na possibilidade de

contribuir com a formação de gestores-educadores comunitários críticos, participativos, autônomos, sujeitos da história, com consciência de gênero e de classe e comprometidos com a construção de outro modelo agrícola e agrário para o campo brasileiro. Deste modo o processo de formação promove diversas situações de aprendizagens que contemplam esses aspectos, garantindo sempre como ponto de partida o trabalho, a cultura, a pesquisa e as lutas sociais como matrizes formadoras, colocando-se a serviço da construção de um novo sujeito social do campo com ajuda da Cultura Digital.

“As juventudes, acima de tudo, necessitam de reconhecimento, sendo que este vem ao encontro da valorização das potencialidades e resistências que o segmento carrega consigo. Esta valorização diz respeito às diversas potencialidades que as juventudes possuem, entre elas, a forma instituinte que busca uma nova configuração ao instituído. Dessa forma, este potencial deve ser valorizado na busca pela mudança da conjuntura de violações, são muitas vezes estabelecidas e naturalizadas no cotidiano das juventudes.” (Scherer, p.33, 2013)

Neste movimento, a Juventude de Santana, está em luta permanente, com vista a dar horizontalidade em todas as suas perspectivas e anseios. A luta segue, as trincheiras se abrem, e a resistência se impõe, em tempos que a deterioração da vida, dos sonhos, da luta, dos direitos essenciais se esfacelam em asseguramento da dinâmica do capitalismo, da primazia, preservação e conservação da propriedade privada, apreendemos como ainda milhares de sujeitos sociais e jovens que vivem no campo, no contexto rural vivem a mercê da esperança, das realizações e dos sonhos, e para se por em cena e como ser invisível percorrerem as malhas da opressão e subalternização, saindo e deixando a sua história, suas raízes, a sua vida, seu território para imigrar para os grandes centros urbanos em busca de dignidade,

reconhecimento, materialização dos seus sonhos e acesso a melhorias, e nestes sentidos, caem numa imenso engodo e simulacro, pois vão se envolvendo em espaços de opressão absurda e aberta, violência do seu ser, gerando a mercantilização de sua vida, tornando-se um objeto descartável.

“Ressalta-se que diante de um contexto de múltiplas violações de Direitos Humanos, onde os processos de (in) visibilidade são ampliados, as juventudes articulam formas de resistência, em um processo de contra-hegemonia às perversas manifestações das repercussões sociais, culturais, políticas e econômicas que decorrem do modo de produção capitalista.” (Scherer, p.175, 2013)

**“Os povos camponeses estão em sintonia com a luta por um novo modelo agrícola e agrário para o campo brasileiro, e que nestes territórios estejam presentes e materializados os direitos sociais, permitindo que os sujeitos sociais coletivos possam ser reais constituidores de sua história”**

São contra todas as maneiras, grilhões e formas de deterioração e fragmentação da vida que o Coletivo Jovem de Formação, Arte e Comunicação vêm se colocando nas fileiras da luta em consonância com

o grito dos diversos movimentos sociais em prol de dias melhores e creditando firmemente que outro mundo é possível e, sobretudo necessário, e que assim como nas periferias das grandes cidades existe um fosso entre a favela e o asfalto, ainda é existente um grande hiato entre as possibilidades de realizações de uma vida plena para o campo. Pois com o movimento sócio-histórico do processo de formação brasileira o campo é visualizado como longínquo, despovoado, sem vida, o que é uma imensa falácia, pois no campo pulsa a vida, e neste estão sujeitos de vida, direitos e história.

## PONDERAÇÕES FINAIS

Mas, a grande novidade do contexto foi os jovens camponeses de uma terra tão castigada pela seca, vivendo no bioma chamado Sertão, não desistirem e não se entregarem. Apesar das dificuldades, querem continuar no campo, produzindo e resistindo. Os jovens que estudam na escola do campo Flo-

restan Fernandes que vem de várias comunidades camponesas de vários municípios dos Sertões dos Inhamus, trazem consigo a grande diferença, o brilho no olhar e as esperanças acessas que existem dentro de cada um dos 300 jovens que aqui estudam.

Não somos a minoria, como é dito nas estatísticas. Somos marcados pela invisibilidade. Pregaram, ao longo dos anos, que a juventude é o futuro. Porém, esse futuro depende do presente que está sendo ofertado para nós. A juventude camponesa, seja onde ela estiver, deve começar a discutir a realidade e intervir para que o jovem camponês possa um dia ter condições dignas de continuar vivendo na terra de seus antepassados, baseado em uma fé no Deus da vida que nos convoca, como jovens, a sermos profetas da Esperança. Assim os jovens baseados na persistência e exemplo de Dom Frago<sup>9</sup> vem avançando na luta em defesa da vida.

Destarte, os povos camponeses estão em sintonia com a luta por um novo modelo agrícola e agrário para o campo brasileiro, e que nestes territórios estejam presentes e materializados os direitos sociais, permitindo que os sujeitos sociais coletivos possam ser reais constituidores de sua história. Deste feito, só a luta de classe, só a luta social, dos sujeitos coletivos, dos homens e mulheres, podem dar um basta a uma ordem assoladora da vida, só as ruas, trincheiras, espaços públicos repletos e preche de vozes, gritos, posições, ações, práxis poderão realmente alterar a direção da história e dos processos de conformação e subalternização, surgindo realmente novos tempos, um novo campo, um novo rural.

#### Referencias Bibliográficas

ARROYO, Miguel. Caldart, R. S. MOLINA, M. C (org)

<sup>9</sup> Dom Frago chegou na década de 1980 na diocese de Crateús. Ele foi responsável pela fundação das CEB's que antes de sua chegada vivam uma caminhada de fé reduzida à oração e a devoção. Sua atuação missionária despertou nas pessoas uma fé ligada à luta pela terra, pela dignidade e vida.

Por uma educação básica do campo Petrópolis, RJ: Vozes ano 1999.

Arte e Cultura na Reforma Agrária (Ceará), disponível em <http://arteculturana-reformaagraria.blogspot.com.br/2011/06/por-que-um-projeto-de-arte-e-cultura-na.html> Acesso em 27 de Dez 2013.

CALDART, Roseli Salete. Educação em movimento: Formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis, RJ; vozes, 2002.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. Estud. av. [online]. 2001, vol.15, n.43, pp. 207-224. ISSN 0103-4014.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do Campo. Disponível em <http://w3.ufsm.br/gpet/files/aqui.pdf> Acesso em 27 de Dez. De 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro. Ed. Terra e Paz, 2005a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KOLLING, Edgar Jorge, et al. Por uma Educação Básica do Campo. Coleção por uma educação básica do campo nº 1. Universidade de Brasília. 1999.

MARTINS, Mônica Dias. Rebeldia Camponesa no Brasil. Disponível em <http://alainet.org/active/14361&lang=es> acesso em 27 de Dez. de 2013.

MÉSZAROS, István [1930]. A educação para além do capital; São Paulo: Boitempo, 2005.

MST, Como fazemos à escola da educação fundamental no MST. Caderno nº 09, 1999.

MOURA, Rossana implantação do projeto territórios digitais nos territórios da cidadania: relato de acompanhamento e avaliação de 30 territórios inicialmente atendidos. (2009). Dispo-

nível em [http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/407/Rossana\\_Coely\\_-\\_NEAD\\_-\\_Artigo\\_Avalia%C3%A7%C3%A3o\\_Casas\\_Digitais.pdf](http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/407/Rossana_Coely_-_NEAD_-_Artigo_Avalia%C3%A7%C3%A3o_Casas_Digitais.pdf) acesso em 27 de Dez. 2013.

SCHERER, Giovane Antonio. Serviço Social e Arte: juventudes e direitos humanos em cena. São Paulo. Editora Cortez 2013.

> José Filho Araújo Santos\* &

> Ivanete Ferreira Fernandes\*\*<sup>10</sup>

10 \*Coordenador do Coletivo Jovem de Formação, Arte

e Comunicação. Educador da Escola do Campo Florestan Fernandes. Estudante de Serviço Social.

\*\*Educadora da Escola do Campo Florestan Fernandes. Estudante de Agroecologia e Educação do Campo.

## SER BÉLICO

A minha voz empunhada como uma espada,  
percorrendo distancias e fios de  
fibra óptica.

...

O meu corpo feito pão para os pobres.  
Arrastado pela rua e  
Pisoteado.

...

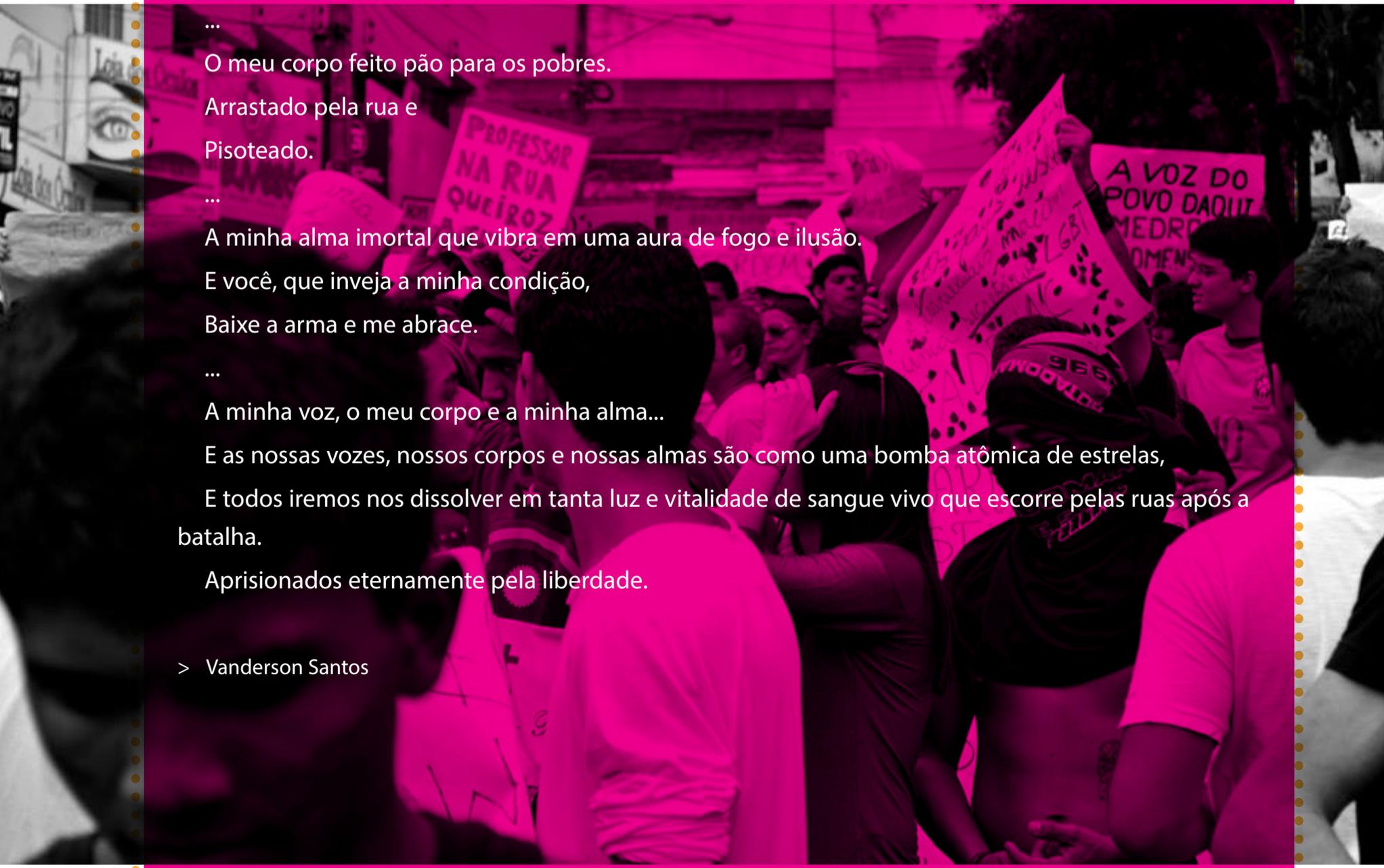
A minha alma imortal que vibra em uma aura de fogo e ilusão.  
E você, que inveja a minha condição,  
Baixe a arma e me abrace.

...

A minha voz, o meu corpo e a minha alma...  
E as nossas vozes, nossos corpos e nossas almas são como uma bomba atômica de estrelas,  
E todos iremos nos dissolver em tanta luz e vitalidade de sangue vivo que escorre pelas ruas após a  
batalha.

Aprisionados eternamente pela liberdade.

> Vanderson Santos





# A Praça Universitária e suas sociabilidades gritos urbanos de jovens em Goiânia/GO

## Resumo

No presente artigo, que é fruto de minha monografia final de curso, abordo dinâmicas de sociabilidades que ocorrem na Praça Universitária, na cidade de Goiânia/GO, às sextas-feiras, no período da noite. Observo, mais detidamente, protagonismos juvenis em contextos urbanos a partir da análise da constituição de tais sociabilidades, impulsionadas por dois eventos em especial, que passaram a acontecer de forma informal e autônoma a partir de grupos juvenis: o “Boicote ao Chorinho” e os duelos de rap do evento conhecido como “A Praça é Roça”. Desde o início da realização de tais eventos, a Praça – como é conhecida entre seus/suas frequentadores/as – chega a receber cerca de 3000 pessoas por noite (somente nas sextas-feiras). Nesse sentido, entendo tais encontros como formas de resistência das juventudes goianienses frente ao pouco incentivo cultural dado pelo governo a essas camadas.

Palavras-Chave: sociabilidades; Praça Universitária; juventudes; Goiânia;

## Abstract

Praça Univeritaria and its sociabilities: youth urban shout in Goiânia/GO

In this paper, which results of my monograph, I deal with dynamics of sociabilities that occur at Praça Universitária (university square), in the city of Goiânia/GO, on Fridays, in the evening. I observe more closely youth protagonism in urban contexts by analyzing the formation of such sociabilities, driven by two events in particular that started informally and independently led by youth groups: the “Boicote ao Chorinho” and sessions of rap freestyles known as “A Praça é Roça”. Since the beginning of the realization of such events, the Praça (square) - as it is known among his/her frequenters - receives up to about 3000 people per night (Fridays only). Thereby, I consider these meetings as forms of youth resistance against the low cultural incentive given by the government to those people.

Keywords: sociabilities; Praça Universitária; youth; Goiânia.

## INTRODUÇÃO

A Praça Universitária sempre abrigou sociabilidades<sup>1</sup> juvenis das mais diversas (desde ensaios de bateria de atléticas universitárias até shows financiados pelo governo), até mesmo porque é um espaço por onde há forte circulação de jovens, considerando, entre outros aspectos, que ela é circundada por universidades. Durante os dias da semana também ocorrem diversas sociabilidades no interior da Praça. Todavia, a frequência de pessoas nas sextas-feiras se intensificou após dois eventos em especial: o “Boicote ao Chorinho”<sup>2</sup> e o “A Praça é Roça”, ambos nela realizados e com início no segundo semestre de 2012 – o primeiro costuma ter maior reconhecimento entre meus interlocutores e minhas interlocutoras como o principal motivador das sociabilidades a que me refiro neste trabalho. A partir desses eventos, todas as sextas-feiras a praça em questão recebe milhares de sujeitos, em sua maioria jovens, que constituem sociabilidades várias. O que instigou meu interesse enquanto pesquisador foi o caráter atípico das sociabilidades que vi em especial nas sextas-feiras: centenas (e muitas vezes milhares) de sujeitos que se identificam com os mais variados estilos de vida compartilhando o mesmo espaço, aparentemente sem muitos conflitos.

No que se refere às culturas juvenis, o antropólogo argentino Néstor García Canclini (2009), na tentativa de compreender o lugar das/os jovens em um mundo

1 O antropólogo brasileiro Heitor Frúgoli Júnior (2007), em seu livro *Sociabilidades Urbanas*, realiza uma extensa revisão do conceito de sociabilidade em Simmel (2006 [1910]) e do que a ideia clássica guardava de práticas estabelecidas principalmente entre “iguais” – naquele caso, entre sujeitos pertencentes a uma mesma classe social.

Em consonância com a crítica de Frúgoli Júnior (2007), é perceptível que as sociabilidades na Praça aqui em foco são marcadas pela heterogeneidade de gostos e estilos (BOURDIEU, 1983), abrigando os mais diversos sujeitos. Inspiro-me também em Magnani (2005) em sua análise dos grupos formados por sociabilidades de jovens em centros urbanos.

2 O Chorinho, como era conhecido o projeto “Grande Hotel Revive o Choro”, foi uma iniciativa da Prefeitura de Goiânia, que tentava trazer um pouco das canções populares do “Choro” para as noites de sexta-feira da capital goianiense. As edições eram realizadas na calçada do Grande Hotel, que localiza-se no Centro.

pós-moderno “fora da ordem”, lança algumas questões para pensar a juventude na contemporaneidade, não a partir de um viés puramente geracional, mas mesmo como uma pergunta social (CANCLINI, 2009, p. 216). Em *Ser Diferente é Desconectar-se? Sobre as Culturas Juvenis*, o autor conjuga questões mais relacionadas ao consumo, a perspectivas de trabalho e a “fragmentações, descontinuidades e presentismo” com outros aspectos, como a participação política. Pensando em escala latinoamericana, o autor reconhece a grande heterogeneidade da categoria em qualquer país, o que dificulta a sua apreensão e comparabilidade, mas supõe zonas estratégicas das culturas juvenis sujeitas às tensões radicais da sociedade contemporânea, como as dos/as jovens artistas, as dos/as jovens migrantes e exilados/as, a dos/as perseguidos/as por consumo de drogas ou por razão política, por exemplo (CANCLINI, 2009).

Canclini (2009) introduz algumas hipóteses sobre o protagonismo cultural juvenil no momento atual de complexos intercâmbios simbólicos, econômicos e tecnológicos, em comparação com os comportamentos juvenis em épocas passadas. Uma diferença marcante seria a impossibilidade de traços mais unificadores de uma identidade que poderia englobar um universo “jovem”. Há, também, uma disseminação de práticas de consumo, de indumentária e de gosto consideradas/os juvenis, bem como zonas da vida social em que os jovens pretendem maior cumplicidade entre si e se distinguir de gerações anteriores.

No que tange ao mercado de trabalho para jovens de classes populares e média, há maior insegurança e informalidade; há também indicadores de uma com-

“A Praça Universitária, além de estudantes, é um espaço que costuma congrega jovens de diversos grupos que, geralmente e em alguma medida, estão empenhadas/os em realizar alguma forma de mudança social.”

binação entre cultura alternativa e de simbolização contra-hegemônica, tanto quanto a aceitação de valores do sistema capitalista. Sobre o suposto “conformismo” político, argumenta Canclini:

Antes que conformismo, me parece que ocorre una suerte de disciplinamento moral por parte de ciertos modos de organización económica. Conformismo implicaría una posición sociopolítica y ética. Encuentro más bien una combinación extraña, y un poco paradójica, entre esta exaltación de un presente incesante con poco pasado y poco futuro, y estructuras de larga duración que rigen la economía (CANCLINI, 2005).

Muito embora o texto de Canclini (2009) transpareça certo teor de generalizações acerca do que é “ser jovem” nos dias de hoje, alguns pontos de sua argumentação podem ser instigantes para se pensar o assunto desse trabalho. Ao final do capítulo a respeito, ele propõe uma valorização de ações que aparentemente não têm eficácia política imediata e que são frequentemente adotadas por jovens. “Estou pensando, por exemplo, nos grafites e em certas performances de protesto” (CANCLINI, 2009, p. 221, grifo meu). Tal afirmação é interessante porque coaduna com uma das hipóteses do presente estudo: a de que as sociabilidades investigadas na Praça surgiram a partir de um boicote a um projeto da Prefeitura de Goiânia. Em certo sentido, pode-se dizer que esta é uma maneira de se fazer política, ainda que seus efeitos não sejam imediatamente reconhecidos. Ou, nas palavras de Canclini (2009),

Embora haja várias maneiras de ser jovem e de interessar-se pelo social, aderindo a movimentos indígenas, ecológicos ou musicais, uma característica comum é sintonizar com acontecimentos ou mobilizações que expressem causas e desconfiar das instituições que pretendem representá-las ou querem dar formas aos fluxos públicos (p.222).

## **“Ocuppy” – ou ocupai – a Praça Universitária!**

A Praça Universitária foi idealizada ainda em 1933, na ocasião da transferência da capital goiana para a região que hoje compreende a cidade de Goiânia, fundada neste ano. Entretanto, foi inaugurada somente em 1969, com projeto urbanístico do arquiteto Atílio Corrêa Lima, na gestão do então prefeito Íris Rezende Machado. A via de acesso principal à Praça Universitária é

a Rua 10, que a liga diretamente à Praça Cívica, marco inicial da capital goiana. É, também, a porta de acesso ao Setor Universitário, onde se localizam edificações e órgãos da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), as duas maiores instituições de ensino superior do estado.

Uma das peculiaridades da Praça Universitária é a relação que ela estabelece com práticas de resistência de grupos urbanos distintos (Chaveiro, 2010). Embora comemore seu aniversário juntamente com o do A-15, a relação que o espaço da Praça Universitária teve com a Ditadura Militar foi muito além: por estar cercada de prédios universitários e, conseqüentemente, ter sempre estudantes circulando por entre suas árvores e bancos, esta praça abrigou diversos grupos que se reuniam para pensar ações de resistência à Ditadura. Ademais, a Praça Universitária foi palco, muitas vezes, de grandes eventos do movimento estudantil, tais como o Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes (CONUNE). Com efeito, não é à toa que seu nome seja Praça Honestino Guimarães, em homenagem ao líder estudantil ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), morto durante a Ditadura Militar.

A Praça Universitária, além de estudantes, é um espaço que costuma congrega jovens de diversos grupos que, geralmente e em alguma medida, estão empenhadas/os em realizar alguma forma de mudança social (Chaveiro, 2010). E mesmo quando esta intencionalidade diminuiu, culminando em sociabilidades várias (objetos desse estudo), foi possível observar resíduos de práticas de resistência. Dozena (2012) trata dos processos de territorialização urbana como resistência, por meio dos quais as práticas, discursos e representações podem guardar um caráter de contrafinalidade não vislumbrados por uma racionalidade hegemônica. Na mesma linha de pensamento, Chaveiro (2010) afirma que “a Praça Universitária é um espaço em que a territorialidade se fez constantemente em sua trajetória, e esta veio carregada de disputas e motivações, ou seja, esta territorialidade se deve ao uso que foi e ainda

o é praticado no referido espaço” (CHAVEIRO, 2010, p. 07). Creio que há processos de territorialização renovados e inovadores, quando vi, no contexto da etnografia, grupos de jovens que territorializaram a Praça por diversas razões e motivações.

Outro ponto correlacionado é a recente onda de protestos espalhados por centenas de cidades brasileiras reivindicando inúmeras bandeiras políticas: desde a redução de tarifas de transporte público até a exigência da retirada de determinados Projetos de Emenda Constitucional no Congresso Nacional brasileiro. Deve-se ressaltar ainda que tal onda de protestos, que ganhou repercussão internacional e maciço apoio da população brasileira em geral, iniciou a partir de reivindicações em torno da redução das tarifas de ônibus públicos de alguns centros urbanos, incluindo Goiânia (MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO, 2013, P. 16). No caso específico da capital goiana, é interessante perceber que algumas edições dos primeiros protestos tiveram como ponto de encontro justamente a Praça Universitária, com a participação de muitos sujeitos que frequentam as noites de sexta-feira nesse mesmo espaço<sup>3</sup>.

A Praça Universitária, a partir do Boicote e do A Praça é Roça, passou a abrigar uma diversidade de sujeitos que anteriormente não a frequentavam. Sobre isso, apresento o trecho de entrevista a seguir, que é bastante elucidativo para compreender o processo de constituição dessas sociabilidades:

Interlocutora 3: A maioria das pessoas que vai lá na Praça hoje não frequentava lá antes do Boicote. Quando começaram o Boicote e o rap, a galera começou a movimentar a Praça.

Pesquisador: Você estava lá nessa época?

Interlocutora 3: Eu estava lá nessa época!

Pesquisador: Então me conta os detalhes!

Interlocutora 3: Então, eu sempre fui frequentadora do Chorinho, quando era lá no Centro, e sempre ia pra Praça na sexta beber no Bar da Tia. Então, dia de sexta rolava lá no Bar da Tia uma galera mais rock'n'roll, que

ficava lá bebendo, e tal, e uma galera que passava na Praça, frequentava os pit dogs, né, uma galera aleatória, e sempre teve essa galera que ficava lá fumando um brau, vendendo maconha, e tal. Como o Boicote ao Chorinho começou a acontecer, e também o rap, o point cultural passou a ser lá. Muito mais estudantes começaram a frequentar lá, muito mais galeras, tipo assim, de outras áreas. [...] Então, tipo assim, virou uma mistura! Você tá a fim de ouvir rock'n'roll? Quer ouvir rap? Tá a fim do Chorinho? Vai pra Praça que você vai encontrar tudo! Então o Boicote e o rap deram conta de agrupar muita gente ali na Praça. Agora tem gente de todo lugar.

O Boicote Cultural ao Chorinho foi uma iniciativa de três pessoas que frequentavam o Chorinho e ficaram descontentes com a decisão da Prefeitura de transferir as atividades para a Praça do Trabalhador. O motivo principal, segundo um dos organizadores, seria que, com a transferência, o Chorinho teria se “burocratizado”. O evento passou a ser realizado dentro da antiga Estação Ferroviária, na Praça do Trabalhador, que então era cercada, durante o evento, para que o local pudesse ficar “seguro”. Com isso, não permitiam a entrada de vendedores ambulantes – aqueles que vendiam informalmente comidas, bebidas e artesanato na calçada do Chorinho.

Mais ou menos na mesma época começaram a acontecer, um pouco acima, duelos de rap, no âmbito do que ficou conhecido como o “A Praça é Roça”. Segundo a descrição do grupo virtual homônimo no Facebook (que tem, atualmente, cerca de 11.000 membros),

A Praça é Roça [é] um evento de freestyle que acontece às sextas-feiras na Praça Universitária que envolve Djs, MC's, Graffiteiros e BBoys Goianos que se encontram as Sextas a partir das 19h. [É] um evento que tem como iniciativa a DjMial e Mortão VMG que, envolvidos com colaboradores, tem o intuito de interagir todas as bancas e MCs goianos em um só lugar.

A galera do rap se reunia, portanto, às sextas-feiras, pouco acima do Boicote, para assistir aos duelos entre os MCs. Em reportagem do jornal local Diário da Manhã, de agosto de 2012, um dos principais organizadores do evento comenta que um dos objetivos é “relembrar os anos 90”, época em que a Praça Universitária era conhecida como “a praça do rock”, considerando que sempre aconteciam “even-

3 Durante meu trabalho de campo, participei de outros dois eventos ligados a manifestações populares atualmente: a Marcha da Maconha, que reivindica a descriminalização do uso desta droga no Brasil, e a Marcha das Vadias, ligada aos movimentos feministas.

tos undergrounds de rock”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo pretendi pincelar uma das discussões centrais da minha monografia final de curso (FRANÇA, 2013), que é a questão do protagonismo juvenil na contemporaneidade em contextos locais. Penso que os resultados desse trabalho, que serão publicados em uma série de artigos (no qual este é o primeiro), caminham para o adensamento de debates acerca das juventudes e sua grande diversidade, fator interessante se considerarmos o atual contexto de forte mobilização das juventudes no sentido de reivindicarem direitos e manifestarem contra um status quo institucional e burocrático. Em Goiânia, durante meu trabalho de campo no ano de 2013, este foi um dos pontos mais salientados: o caráter de contestação da ordem vigente pelas culturas juvenis – que parece estar presente em diversos contextos culturais, conforme aponta Canclini (2009).

No caso específico do meu trabalho a respeito dessa problemática, é possível vislumbrar uma crítica à condução da política cultural, ou de políticas culturais, na cidade de Goiânia e no estado de Goiás. O caso do Boicote ao Chorinho é emblemático: diante de um cenário onde há fortes indícios de ausência de vontade política de se conduzir um projeto cultural público (o Chorinho), um grupo não muito grande de jovens passou a realizar atividades independentes e autônomas, que a princípio reuniram um público bem maior do que o projeto financiado pelo governo municipal, revelando forte apoio à iniciativa e à ideia de utilizar a Praça como ponto de encontro nas sextas-feiras. Em segundo lugar, em decorrência desse boicote à má condução do Chorinho, evidencia-se também o poder de organização autônoma desses sujeitos, no sentido de que não são necessárias, a priori, políticas públicas para que se reúna 3.000 pessoas que estão à procura de lazer em uma Praça todas as sextas-feiras. Muito embora tenha sido apontado, em vários momentos da pes-

quisa, que seriam bem-vindos projetos que utilizassem o espaço da Praça para a realização de eventos artístico-culturais – porém, não necessariamente a iniciativa teria que partir do governo, sendo citadas as de várias organizações estudantis que outrora já realizaram diversos eventos na Praça.

Enfim, trabalhos futuros poderão dar conta de adensar este e outros debates que vêm sendo realizados acerca de juventudes, conflitos e sociabilidades em um contexto urbano goiano, campo que vem se formando aos poucos e no qual meu estudo é uma das contribuições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 82 – 121.

BRANCALEONE, Cássio. Considerações sobre a sociabilidade do homem urbano: uma (re)leitura de Georg Simmel. *Revista Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 15, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Um olhar geográfico sobre a Praça Universitária em Goiânia-GO: história, processos e múltiplas territorialidades. In: *Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos – Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças*. Porto Alegre, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_. La juventud extraviada. Entrevista a Sergio Chejfec. *Nueva Sociedad* 200, p. 154-164. 2005.

\_\_\_\_\_. Ser diferente é desconectar-se?: sobre as culturas juvenis. In: \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

DOZENA Alessandro. Territorializações urbanas como práticas de resistência. *Terr@ Plural*. Ponta

Grossa, 2012.

FRANÇA, Matheus. "Vai pra Praça hoje?": sociabilidades juvenis na Praça Universitária em Goiânia/GO. Monografia – Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2013.

FRÚGOLI Jr., Heitor. Sociabilidade urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, vol.17, n.2, p. 173-205, 2005.

MOVIMENTO PASSE-LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo.

MARICATO, Ermínia et al. Cidades Rebeldes – passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Editorial Boitempo, 2013.

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade – exemplo de so-

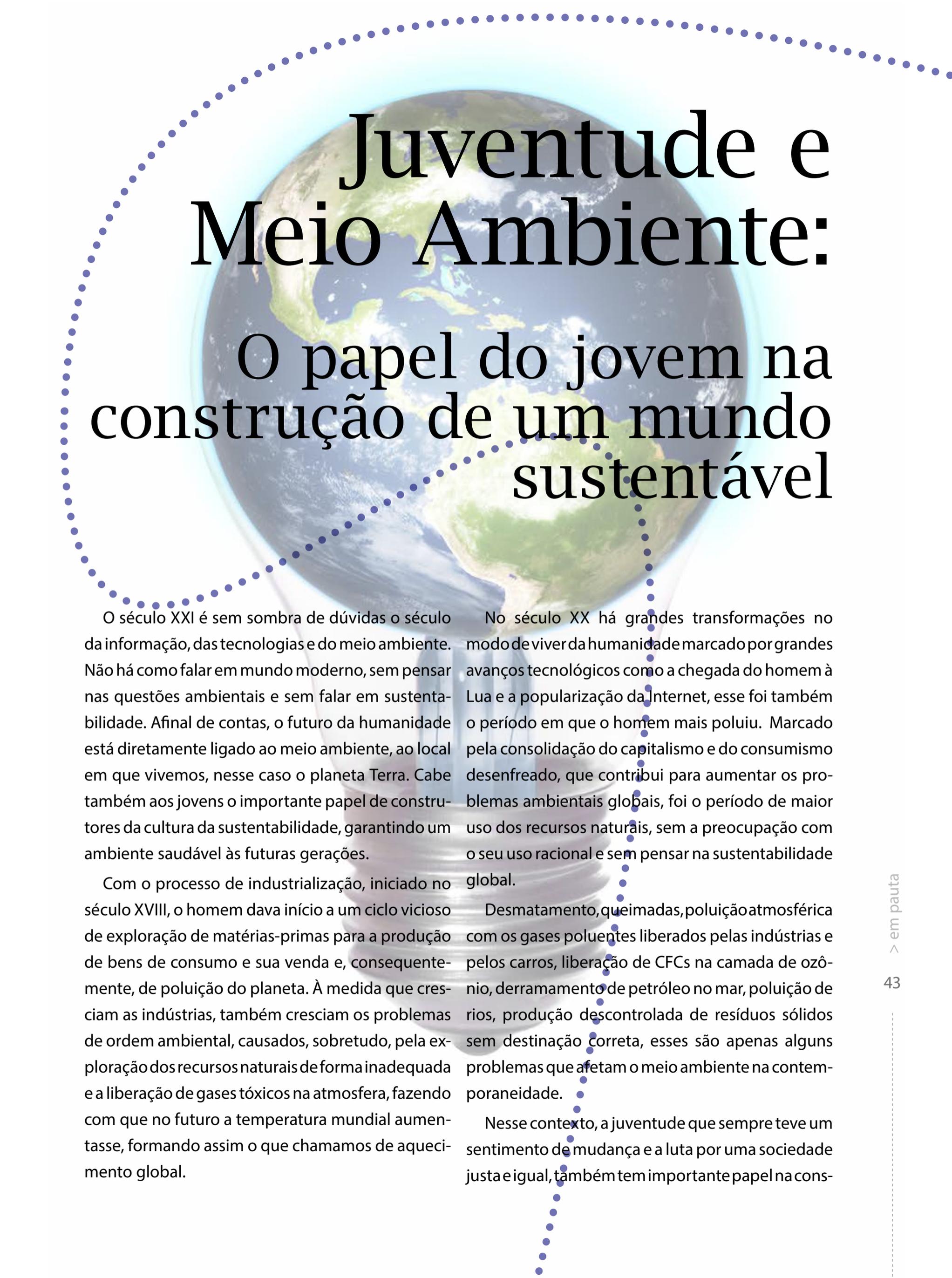
ciologia pura ou formal. In: \_\_\_\_\_. Questões fundamentais da sociologia. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2006.

> Matheus Gonçalves França/  
matheusgfranca@gmail.com

### Perdeu playboy

O grito mudo da manada explorada não sensibiliza o porco integrante da elite agrária. O pedinte esqualido implorando esmola não alcança a alma da perfumada senhora. O animal humano arrastando carroça e a consciência do babaca de gravata nem coça. O mendigo almoçando no lixo e o merdinha de terno ignora e corre para mais um compromisso. O moleque no semáforo a solicitar migalhas é invisível à moça bem sucedida em sua casamata de aço, ferro e lata. Mas na madrugada, acuados no portão, o cano frio na têmpera é vara de condão: a lágrima desce, a grana aparece, os poderosos ensaiam uma prece e a divisão de renda enfim acontece.

> Dário Álvares



# Juventude e Meio Ambiente:

## O papel do jovem na construção de um mundo sustentável

O século XXI é sem sombra de dúvidas o século da informação, das tecnologias e do meio ambiente. Não há como falar em mundo moderno, sem pensar nas questões ambientais e sem falar em sustentabilidade. Afinal de contas, o futuro da humanidade está diretamente ligado ao meio ambiente, ao local em que vivemos, nesse caso o planeta Terra. Cabe também aos jovens o importante papel de construtores da cultura da sustentabilidade, garantindo um ambiente saudável às futuras gerações.

Com o processo de industrialização, iniciado no século XVIII, o homem dava início a um ciclo vicioso de exploração de matérias-primas para a produção de bens de consumo e sua venda e, conseqüentemente, de poluição do planeta. À medida que cresciam as indústrias, também cresciam os problemas de ordem ambiental, causados, sobretudo, pela exploração dos recursos naturais de forma inadequada e a liberação de gases tóxicos na atmosfera, fazendo com que no futuro a temperatura mundial aumentasse, formando assim o que chamamos de aquecimento global.

No século XX há grandes transformações no modo de viver da humanidade marcado por grandes avanços tecnológicos como a chegada do homem à Lua e a popularização da Internet, esse foi também o período em que o homem mais poluiu. Marcado pela consolidação do capitalismo e do consumismo desenfreado, que contribuiu para aumentar os problemas ambientais globais, foi o período de maior uso dos recursos naturais, sem a preocupação com o seu uso racional e sem pensar na sustentabilidade global.

Desmatamento, queimadas, poluição atmosférica com os gases poluentes liberados pelas indústrias e pelos carros, liberação de CFCs na camada de ozônio, derramamento de petróleo no mar, poluição de rios, produção descontrolada de resíduos sólidos sem destinação correta, esses são apenas alguns problemas que afetam o meio ambiente na contemporaneidade.

Nesse contexto, a juventude que sempre teve um sentimento de mudança e a luta por uma sociedade justa e igual, também tem importante papel na cons-

trução de um mundo ambientalmente sustentável.

A juventude moderna, que compõe uma boa parte da população mundial, é todos os dias atraída pelo consumo. Desde refrigerantes até roupas de grifes, os jovens formam uma ampla parcela do mercado consumidor. Portanto, essa juventude também é responsável pela produção de boa parte da poluição e de lixos jogados no planeta.

Com um alto poder aquisitivo, bombardeada de informações e notícias por todos os lados, a juventude globalizada é cada dia mais chamada a consumir, sem, no entanto, pensar nas consequências de seus atos. O consumo em larga escala aumenta não só a quantidade de lixo, como também aumenta o consumo de matérias-primas. Portanto, os jovens tem um papel importante na defesa do meio ambiente, podendo contribuir na diminuição da produção de resíduos sólidos.

Cinema, escola, praça, rua, bairro, igreja, escola, família, os jovens relacionam-se com as mais diversas pessoas, nos mais diferentes locais, podendo assim transformar-se em grandes propagadores da cultura da preservação ambiental. Conhecida por seu desejo de mudança, por seu sentimento de inconformismo diante dos problemas socioeconômicos, cabe também à juventude lutar por um mundo socialmente correto, economicamente viável e sustentável.

A Geração Z possui também uma capacidade incrível de usar os meios modernos de comunicação e as mais diversas tecnologias para construir uma rede de difusão da cultura da sustentabilidade. As redes sociais e os blogs surgem como importantes ferramentas e locais para a discussão da temática

ambiental e abrem espaço para um diálogo que envolve diferentes sujeitos, nos mais diversos lugares.

Finalmente, a sociedade humana dependerá diretamente das ações dos jovens, uma vez que caberá a eles como futuros profissionais o desafio de resolver sérios problemas sociais e econômicos contemporâneos, como a desigualdade e a exclusão social, além de encontrar soluções para minimizar os problemas ambientais globais. Não há como pensar no futuro da humanidade, sem antes pensar no meio ambiente, no lugar em que vivemos. Portanto, caberá também a juventude a missão de transformar o modo de ser e de viver da sociedade, garantindo a perpetuação de um ambiente saudável para as próximas gerações.

> João Paulo Arruda de Lima<sup>1</sup>  
euconfioemvos2009@hotmail.com

1 Graduação em Geografia pela Universidade de Pernambuco-UPE, Aperfeiçoado em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Especializando em Gestão Ambiental pelas Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão-FAINTVISA e Especializando em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco-IFPE. É Supervisor Escolar da Secretaria Municipal de Educação de Surubim-PE e Professor de Humanas no Ensino Médio na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Tem experiências nas áreas de Gestão e Coordenação Pedagógica, Educação a Distância, como tutor presencial da UFPE/UAB, Educação no Campo e foi Coordenador da Pastoral da Juventude. Possui cursos sobre Gênero, Diversidade, Relações Sexuais e Relações Étnico-Raciais e sobre Bullying no Ambiente Escolar.

## Destino

Afora a manada que muge e pasta, meninos transpiram poesia, meninas tocam guitarras, ciberativistas defrontam o poder e as suas patas. O destino nas nuvens, a astúcia das asas.

> Dário Álvares



IV Semana

# Juventude

## Protagonista

"Dialogando com a geração z"

12 a 16

maio/2014

Surubim/PE

\*Comemorando **4** anos do IPJ

\*Comemorando **1** ano da Revista

Geração Z

> papo cabeça



# Street Family e Gritos Urbanos

Nome: Street Family

Local: Surubim/PE

Atividades: Intervenções Urbanas

Participantes entrevistados: Antônio Neto, Eduardo Pereira, Nana, Karla Mateus, João Paulo, Lívio e Alex.



### Revista Geração Z – Como surgiu o Street Family?

**Street Family** – Quem nunca ouviu falar do filme “Se ela dança, eu danço”? O filme já está na quarta versão. Foi a partir dessa versão que surgiu a ideia de criar o grupo. Estávamos, a Nana e eu (Karla) assistindo o filme, na verdade comentando porque este filme é todo trabalhado em flash mob. Ai ficamos pensando “poxa” seria tão legal se aqui em Surubim tivesse algo assim. É, mais e aí. Quem? O intuito era retirar a galera de casa para ver alguma coisa cultural, lógico que não a cultura de nossa região, principalmente em Surubim que não tem nada. O nosso principal propósito era que realmente as pessoas comesçassem a ver dança e eu acho que deu certo. E até mesmo se auto perguntar, “o que é isso?” porque não é um hábito das pessoas de Surubim ver algo de diferente, estão acostumadas a verem apenas forró, frevo, (...) algo daqui.

**RGZ** – Qual o principal estilo musical do Street Family?

**SF** – A base do nosso estilo musical é jazz. Não o jazz de dança de salão e sim de rua.

**RGZ** – Quais os planos do grupo para 2014?

**SF** – Queremos intervir em algum lugar, com alguma função. Função de deixar algo para que as pessoas possam refletir. E também outro desafio que se apresenta para nós, é realizar um flash mob.

**RGZ** - Qual mensagem o grupo procura transmitir em suas intervenções?

**SF** – Dá para ter mais ou menos uma noção quando eu (Lívio) fiz uns dos solos, onde eu começava a tirar um monte de camisetas e dançava



no centro e o restante do grupo passava por mim e me julgava, sabe? Chegavam em mim, tocavam em minha barriga, eu estava com uma meia calça e eles vinham (...) Karla tocava no meu cabelo... e eu queria passar a história da minha vida ali. Em nossas coreografias procuramos passar aquilo que a gente tem de experiência e até pela música e pelo contexto.

**RGZ** – Como foi a escolha do nome do grupo?

**SF** – Fizemos o velho jogo onde cada um escreve uma palavra no papel e a gente sorteava e puxava. Saiu cada nome esquisito, colocaram cada palavra esdrúxula. E o nome “Street Family” nem saiu no papelzinho, a gente quem quis colocar. Passávamos mais tempo com o Street Family do que em nossas casas. Por isso ser “família” e por isso ser de “rua”,

porque apesar de não sermos família de sangue, somos família.

**RGZ** – Como é o relacionamento do grupo?

**SF** – As vezes tem muitas brigas. É bem difícil, pois cada um aqui tem uma identidade, então a gente tem que colocar isso junto.

**RGZ** – Quais as dificuldades enfrentadas pelo grupo?

**SF** – Perdemos o nosso local de ensaio. Ensaivamos na sala de dança do Colégio Marista, mas estão fazendo reforma. Pior do que conseguir pessoas para fazer o flash mob vai ser conseguir um local bom para ensaio.



**RGZ** – O grupo possui alguma espécie de apoio institucional?

**SF** – O nosso trabalho é independente.

**RGZ** – Qual o artista inspira o grupo?

**SF** – (Karla) A mulher que me inspira como mulher e como artista é Madona. Pra mim ela é incrível. Nas minhas coreografias, seja neoclássica, seja contemporânea, alguma coisa eu roubo de Madona.

(Alex) Eu gosto de um pouquinho de cada, mas a minha máster é a Gaga e tá, amo Madona. Gosto muito dos trabalhos dela, acho que o trabalho visual que ela dá até agora nenhuma cantora deu.

(Nana) Eu também gosto de tudo, mas quando eu escuto a Beyonce, eu não sei, mas é como se meu sangue começasse a ferver, sei lá, coreografias vem. Eu amo, amo a Beyonce.

(Antônio) Eu acho que o povo pensa “ele só gosta de Gaga”, mas a cantora que eu amo, no fundo do meu coração é Maria Gadu. Acho que se um dia eu for ao show dela eu desmaio.

(João Paulo) Sabe em quem eu me inspiro? Aqui ó! (apontando para todo o grupo).

(Eduardo) Eu gosto da forma de dançar do Chris Brown, Justin Timberlake, do Les Twins.

**RGZ** – Qual mensagem o Street Family deixa à juventude?

**SF** – (Nana) Fazer o que você tem mais vontade sem se preocupar com o que vão achar sobre o que você é ou o que você faz. Fazer por simplesmente gostar daquilo.

(Karla) Quando você acredita que aquilo é válido, que aquilo é bom, eu acho que as coisas se realizam de uma forma mais bonita e mais prazerosa.

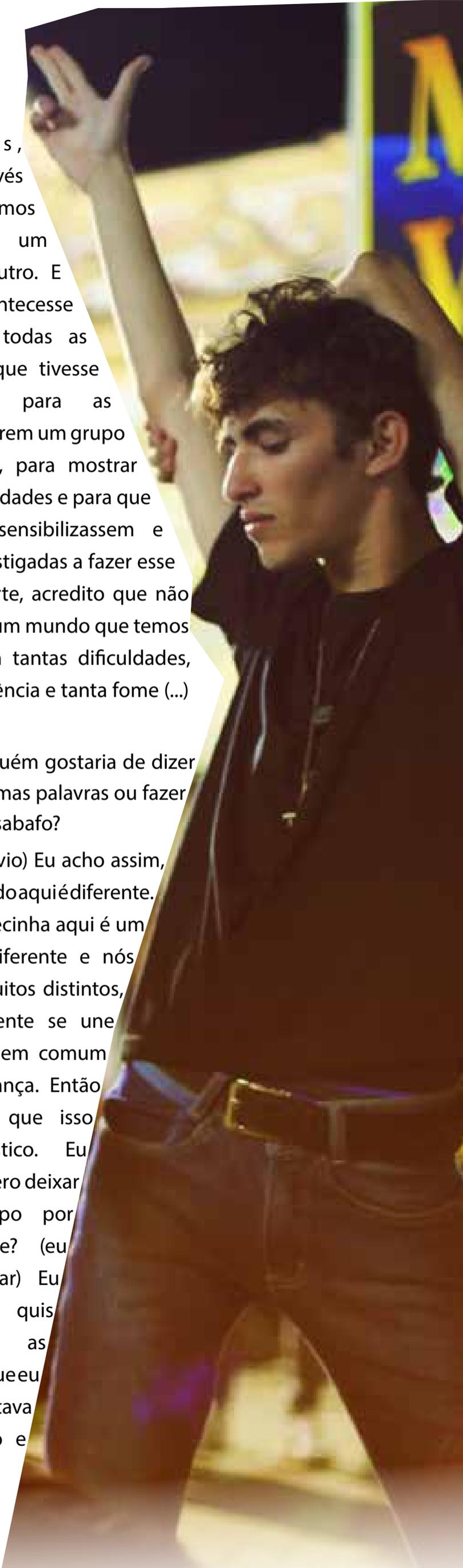
(Alex) Que as pessoas se abram para se expressar e podem ter certeza que é gratificante, é mágico.

(Eduardo) A arte ela consegue não só unir as

peçoas, mas através dela podemos aprender um com o outro. E se acontecesse isso em todas as cidades, que tivesse incentivo para as cidades terem um grupo de dança, para mostrar as comunidades e para que elas se sensibilizassem e fossem instigadas a fazer esse tipo de arte, acredito que não teríamos um mundo que temos hoje, com tantas dificuldades, tanta violência e tanta fome (...)

**RGZ** – Alguém gostaria de dizer mais algumas palavras ou fazer algum desabafo?

**SF** – (Lívio) Eu acho assim, todomundo aqui é diferente. Cada cabecinha aqui é um mundo diferente e nós somos muitos distintos, mas a gente se une por um bem comum que é a dança. Então eu acho que isso é fantástico. Eu nunca quero deixar esse grupo por isso, sabe? (eu vou chorar) Eu sempre quis dançar as músicas que eu sempre estava escutando e





eu nunca tive essa oportunidade, então através de Karla e de vocês eu tive e foi fantástica. Aquele momento na praça, caramba. Sonhei com aquele momento de novo. Eu acordei todo arrepiado. Foi lindo demais o pessoal gritando...

Se desejar poderá também assistir essa entrevista pelo site da Geração Z, no endereço: <http://www.revistageracaoz.com/>

Se você quiser conhecer um pouco mais do trabalho do StreetFamily curta sua fan page no Facebook, no endereço: <https://www.facebook.com/sfintervention>

Photos from various photographers found on: @sfintervention

## organizações parceiras

Instituto de Protagonismo Juvenil – IPJ  
Rua Cônego Benigno Lira, sn – Centro  
CEP: 55750-000 / Surubim – PE / Brasil  
Fones: (81) 9412-5731 / 9781-6950  
[www.jovensprotagonistas.wix.com/ipjorg](http://www.jovensprotagonistas.wix.com/ipjorg)  
[ipj@juventudeprotagonista.org.br](mailto:ipj@juventudeprotagonista.org.br)

ModernMo  
Locus virtual  
[www.modernmo.com](http://www.modernmo.com)  
[sage@sagesaturn.com](mailto:sage@sagesaturn.com)

Coletivo Utopia 21  
Locus virtual  
Fone: (62) 9320-4961  
[uttopia21.blogspot.com.br](http://uttopia21.blogspot.com.br)  
[uttopia21@gmail.com](mailto:uttopia21@gmail.com)

Associação Projuv  
Avenida Talhamares, 2001 – Santa Izabel  
CEP: 78.200-000 / Cáceres – MT / Brasil  
Fones: (65) 9686-6453 / 9935-1913  
[paulinhohpb@hotmail.com](mailto:paulinhohpb@hotmail.com)



